

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM COORDENAÇÃO
PEDAGÓGICA**

MARNIA SUAMY SOUSA

**AS INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO USO DO
DISPOSITIVO MÓVEL - CELULAR NO AMBIENTE ESCOLAR:** Conflitos,
desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral.

São Luís
2016

MARNIA SUAMY SOUSA

AS INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO USO DO DISPOSITIVO MÓVEL - CELULAR NO AMBIENTE ESCOLAR: Conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral.

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Orientador(a): Prof.^a M.e. Tamires
Coimbra Bastos Borges

São Luís

2016

Sousa, Marnia Suamy.

As intervenções do Coordenador pedagógico no uso do dispositivo móvel celular no ambiente escolar: conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral / Marnia Suamy Sousa. — São Luís, 2016.

89 f.

Orientador: Tamires Coimbra Bastos Borges.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica, 2016.

1. Coordenador pedagógico. 2. Dispositivo móvel celular - Uso – Escola.
3. Mídias – Ensino. 4. Relações interpessoais. I. Título.

MARNIA SUAMY SOUSA

AS INTERVENÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO USO DO DISPOSITIVO MÓVEL - CELULAR NO AMBIENTE ESCOLAR: Conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral.

Monografia apresentada para fins de conclusão do curso de Pós-graduação Lato Sensu de Coordenação Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Maranhão,

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. M.e. Tamires Coimbra Bastos Borges (Orientadora)

Dedico este trabalho de conclusão de curso a todos que direto e indiretamente contribuíram para sua concretude.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da Vida e da Sabedoria, pois, sem esses dons, nossa existência se torna incompleta.

Às minhas filhas Fernanda (*in memoriam*) e a Valente Keddma Damarys pelo companheirismo, paciência e auxílio ao longo dessa jornada acadêmica no uso dos recursos tecnológicos inovadores e necessários ao trabalho acadêmico.

Ao meu esposo e companheiro Raimundo Felix pela compreensão nas horas de ausências, pelo carinho, atenção e valoroso auxílio no desenvolvimento deste trabalho monográfico.

Aos parceiros MEC, UFMA, UNDIME/MA e Secretaria municipal de Educação do Município de Igarapé do Meio, pela oportunidade dessa formação que se tornará um divisor de água em nossos contextos educacionais.

Aos amigos e amigas pelo companheirismo, atenção, tempo disponibilizados às inúmeras pesquisas realizadas ao longo dessa trajetória.

Aos Professores que nos acompanharam nesses dois anos, nesse curso de especialização, enriquecendo nosso aprendizado e nos fazendo compreender a dinamicidade do conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho do Centro de Ensino José Mota Amaral, em especial minha Gestora Suely e Coordenadora Isauderina por toda atenção devida, entrevistas concedidas, ausências compreendidas ao longo desses dois anos.

A minha querida, linda e competente Orientadora professora Tamires, pela amizade, compreensão, orientação, paciência e apoio nessa reta final.

*“O Educador ou o Coordenador de um grupo
é como um maestro que rege uma orquestra
(...)”*

Paulo Freire

RESUMO

Nossa sociedade hoje discute a necessidade de uma inclusão digital que contemple todos os sujeitos, uma vez que vivemos na chamada “Sociedade de informação”. Nessa perspectiva e considerando a educação como um direito promulgado para todos, a escola é sim o primeiro espaço em que as oportunidades de uma vida melhor se apresentam e esta possui papel relevante no que refere a inclusão de seus sujeitos, refletindo coletivamente como o uso de alguns dispositivos e aparatos podem ser melhor aproveitados no processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, da escola que inclui tecnologicamente destaca-se a importância de uma figura considerada como essencial o Coordenador Pedagógico, profissional da escola, figura fundamental na construção e execução de ações que visem a autonomia e democratização da escola. Essa problemática em sala de aula necessita de debates aprofundados que envolva todos os pares que estão inseridos no contexto educacional, pois há de se perceber que nos dias de hoje, não haja um aluno que não possua um telefone móvel dentro das escolas públicas. Em geral os celulares se agigantam nas escolas tanto pela mão dos professores e excessivamente pela mão de alunos que trazem consigo aparelhos cada vez mais modernos e com múltiplos aplicativos. Com essa intenção de analisar como nossas instituições e suas figuras lidam com o uso frequente desse dispositivo, este trabalho pretende analisar criticamente como essa ferramenta é utilizada no espaço escolar, quais os conflitos resultantes do uso indevido. Este trabalho aborda dentre outras questões a natureza proibitiva do uso do celular na escola Centro de Ensino José Mota Amaral, destacando os dispositivos que restringem ou proíbem o uso do dispositivo, suscita debates reflexivos de como este poderia se tornar um aliado da aprendizagem trazendo para o centro desse debate a figura do Coordenador Pedagógico. É para idealizar a Fundamentação Teórica deste trabalho, utilizou-se as contribuições iniciais de Sette, Fagundes e Vasconcellos dentre outros teóricos que dedicaram tempo no estudo dessas temáticas, utilizou-se também instrumentos para a coleta de dados, questionários aplicados à gestão, equipe docente das diversas disciplinas, coordenação pedagógica e alunos dos turnos matutino e noturno do Centro de Ensino José Mota Amaral no Município de Monção- MA, com a finalidade de conhecer a real situação em que a escola se encontra ao confrontar-se com o uso do dispositivo móvel, bem como analisar que as intervenções do coordenador pedagógico pode mediar e estabelecer relações mais harmônicas.

Palavras Chaves: Dispositivo móvel – celular. Espaço escolar. Coordenador Pedagógico.

ABSTRACT

Our society today discusses the need for a digital inclusion that contemplates all subjects, since we live in the so-called Information Society. In this perspective and considering education as a right promulgated for all, the school is rather the first space in which the opportunities of a better life present themselves and this one has relevant role in what refers to the inclusion of its subjects, reflecting collectively as the use of Some devices and devices can be better utilized in the teaching and learning process. In this context, the school that includes technologically stands out the importance of a figure considered as essential the Pedagogical Coordinator, school professional, a fundamental figure in the construction and execution of actions aimed at the autonomy and democratization of the school. This problem in the classroom requires in-depth discussions that involve all the peers that are inserted in the educational context, since it must be realized that today there is no student who does not have a mobile phone within public schools. In general, cell phones grow in schools both by the hand of teachers and excessively by the hand of students who bring with them devices that are more modern and with multiple applications. With this intention to analyze how our institutions and their figures deal with the frequent use of this device, this work intends to analyze critically how this tool is used in the school space, which conflicts resulting from misuse. This work addresses, among other issues, the prohibitive nature of the use of mobile phones at José Mota Amaral High School, highlighting devices that restrict or prohibit the use of the device, provoke reflective debates on how this could become an ally of learning by bringing Center of this debate is the figure of the Pedagogical Coordinator. And to idealize the Theoretical Foundation of this work, the initial contributions of Sette, Fagundes and Vasconcellos were used, among other theorists who dedicated time in the study of these subjects, also used instruments for the collection of data, questionnaires applied to the management, teaching staff Of the various disciplines, pedagogical coordination and students of the morning and evening shifts of the José Mota Amaral Teaching Center in the Municipality of Monção-MA, in order to know the real situation in which the school is when confronted with the use of the device As well as analyzing that the interventions of the pedagogical coordinator can mediate and establish more harmonic relations.

Key words: Mobile device. School space. Pedagogical Coordinator.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Elementos essenciais para o trabalho do Coordenador Pedagógico.....	33
Quadro 2	Direitos e deveres dos alunos.....	36
Quadro 3	Elementos da Proposta Pedagógica.....	49
Quadro 4	Distribuição de docentes por disciplina.....	56
Quadro 5	Aplicativos mais utilizados pelos jovens.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Tempo de Exercício no magistério.....	54
Gráfico 2	Idade dos Docentes.....	55
Gráfico 3	Sexo dos docentes.....	56
Gráfico 4	Posse de Celular pelos professores.....	57
Gráfico 5	Aplicativos mais utilizados pelos professores.....	58
Gráfico 6	Permissão do uso do Celular.....	59
Gráfico 7	Enfrentamento de relações de conflitos em sala de aula.....	60
Gráfico 8	Percepção de uso pedagógico do celular.....	61
Gráfico 9	Relação da escola com o uso do celular.....	62
Gráfico 10	Posse de celular pelos alunos.....	67
Gráfico 11	Faixa etária dos alunos.....	67
Gráfico 12	Frequência de uso do celular.....	68
Gráfico 13	Aplicativos que os alunos mais utilizam.....	69
Gráfico 14	Importância do uso do Celular.....	71
Gráfico 15	Motivos de uso do celular na escola.....	71
Gráfico 16	Permissão do uso do celular na escola.....	72
Gráfico 17	Relação da escola com o uso do celular.....	73
Gráfico 18	Utilização do celular como ferramenta de estudo.....	74
Gráfico 19	O celular auxilia ou atrapalha a aprendizagem.....	75

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O USO DAS MÍDIAS NO CONTEXTO ESCOLAR	19
	2.1 O USO DO CELULAR NA ESCOLA	21
	2.2 O ALUNO DO ENSINO MÉDIO	25
	2.3 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA NO CONTEXTO DO USO DO DISPOSITIVO MÓVEL	29
3	O COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO ESCOLAR	33
	3.1 O COORDENADOR PEDAGÓGICO NA DIALÉTICA DO PROTAGONISMO JUVENIL	36
	3.2 AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS: NO USO DAS MÍDIAS E NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	39
	3.3 AS MÍDIAS TECNOLÓGICAS E SUA CONTRIBUIÇÃO COM O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM	41
4	METODOLOGIA.....	47
	4.1 ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA ESCOLA	47
	4.2 DISPOSITIVOS LEGAIS QUE AMPARAM A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA	49
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	54
	5.1 EQUIPE DOCENTE E O DESAFIO DO USO DO CELULAR	54
	5.2 A GESTÃO DA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM O USO DO CELULAR	64
	5.3 AS PERCEPÇÕES DO ALUNO À CERCA DO USO DO CELULAR...	67
	5.4 A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM O USO DO CELULAR	67
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS	82

1 INTRODUÇÃO

O celular tornou-se hoje elemento indispensável na vida do ser humano, ele tem sido o companheiro inseparável de todas as horas, graças aos inúmeros benefícios e aplicativos que os aparelhos possuem.

Além de funcionar como importante instrumento de comunicação encurtando distância e aproximando as pessoas, ele ainda substituiu uma infinidade de aparatos tecnológicos como câmeras fotográficas, gravadores dentre outros, que o homem usou para se comunicar com seus semelhantes.

Com o advento do celular, a substituição quase que imediata de alguns recursos tecnológicos tem sido inevitável gerando no ser humano principalmente no público mais jovem uma dependência quase que doentia de aparelhos cada vez mais inovadores, modernos, com bons designers dentre outras funções.

A escola se apresenta no foco das discussões da inclusão digital, mas percebe-se que ela ainda não aprendeu a administrar a relação aprendizado x uso do celular, nessa sua inaptidão de lidar com o uso desse instrumento tecnológico, ela toma a decisão de proibir seu uso em todos os seus ambientes, gerando embates no campo ideológico e muitas vezes até situações em que medidas consideradas arbitrárias tiveram que ser tomadas para que em nome de uma ordem social, as regras possam ser estabelecidas e cumpridas.

Percebe-se um duelo muito grande entre a escola que quer restringir o uso do dispositivo móvel em suas dependências e para isto tem se prevalido de instrumentos ditos como legais, e do outro lado o aluno que considera o aparelho necessário para sua “sobrevivência”, uma parte de si ou de seus pertences.

No Centro de Ensino José Mota Amaral, no município de Monção, essa realidade tem sido conflitante nas relações de aprendizagem e também nas relações interpessoais ocasionando conflitos, trazendo serias implicações para as relações na escola daí a necessidade da escolha dessa instituição como foco de nosso estudo.

Por se tratar de uma escola de Ensino Médio que atua com um público cuja faixa etária permite que convivam diariamente com as tecnologias digitais, navegam pela internet, participam de redes sociais, compartilham informações, enfim, estão completamente conectados com o mundo digital.

As redes sociais são para os jovens do Ensino Médio, redes de relacionamentos que se criam por meio de afinidades que os aproximam, elas se constituem nesse cenário uma das estratégias mais contemporânea para o estreitamento de relações sociais.

O Jovem do ensino médio chegam à escola marcados por múltiplas determinações que vão se refletindo do seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Refletem ainda no comportamento e nas relações interpessoais. Portanto são desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais anteriores à escola. Embora esta trate todos como se fossem iguais, há de se compreender que cada um deles possuem suas particularidades que necessitam ser analisadas e trabalhadas no contexto escolar.

Face a essa realidade conflitante, surge nesse cenário a figura do Coordenador Pedagógico como uma espécie de mediador dessas relações, um colaborador direto nos conflitos, essencialmente da gestão com o aluno.

Porém o objetivo principal desta pesquisa, não detém em falar da importância do aparelho celular, nem muito menos o uso indevido deste no espaço escolar mas investigou-se que a utilização do aparelho celular entre os agentes de sala de aula acabam se transformando em rivalidades, às vezes nem sempre sadias ou bem interpretadas por alunos por ser cobrados por professores e dos educadores quando se deparam com um aluno usando o celular em sala de aula e exigir que guarde para não gerar transtornos no ambiente escolar. Nesse contexto nosso trabalho pretende sim investigar como podem ser valiosas as contribuições do Coordenador Pedagógico como mediador dos conflitos existentes no universo escolar por todos os pares nela envolvidos.

Para subsidiar este trabalho contaremos com as contribuições iniciais de Sette (1999), Fagundes (1999) e Vasconcellos (2011), teóricos que já estudaram a temática e possuem valiosas contribuições para nossa investigação.

Considera-se a escola como um espaço privilegiado para promoção do conhecimento e da cidadania por meio também do domínio das mídias tecnológicas que propiciam a alfabetização midiática como parte dos processos de aprendizagem do jovem do ensino médio e de forma bem articulada ao Projeto Político Pedagógico, um dos desafios profissionais do Coordenador Pedagógico, assim visando o desenvolvimento integral dos jovens, considerando suas dimensões cognitivas,

sociais e afetivo – emocionais os estudantes poderão melhorar suas percepções de como usar bem os dispositivos a favor de seu aprendizado, para Sette (2005)

As TIC's oportunizam ao estudante não apenas o acesso ao reconhecimento humano, disponibilizada em meio digital ou via interatividade (in)direta com autores e leitores, mas principalmente, à produção e difusão de sua própria criação. Esses novos meios de comunicação, quando democratizados acessíveis a todos, ensejam e dão voz e poder ao cidadão.

Ao se falar em tecnologias educacionais Fagundes (1999) afirma que:“ Os entraves são propostos pelas gerações de adultos que não ingressam na cultura digital”. A autora também afirma que a velocidade característica própria dos objetos digitais, também acelere mudanças importantes como o uso e também o sentido comunitário que a tecnologia deveria ter.

A autora afirma ainda que quando a palavra inclusão aparece, ela puxa mão outra palavra que também é importante quando se fala em tecnologia e educação: a democratização. Considera ainda que avanços no campo da educação digital não são suficientes para uma transformação radical da sociedade se não atingem todas as camadas da população, acreditando igualmente em seu potencial.

A escola como promotora de inclusão, dentre elas a inclusão digital há de se destacar que o Coordenador Pedagógico possui papel fundamental nesse processo de inclusão Vasconcellos (2010) afirma que o Coordenador é o intelectual orgânico do grupo, cabe a ele desenvolver a sensibilidade para com o outro, buscar investigar a realidade em que se encontra, conhecer e respeitar a cultura do grupo, seus valores e suas crenças. Cabe a ele ainda o desafiar, o provocar, o subsidiar, o trazer ideias e visões novas questionar o estabelecido, desinstalar, estranhar.

Ao afirmar o papel desafiador do Coordenador, o autor ressalta sua importância para uma escola inclusiva onde a celeridade de informações contextualizam a vida de jovens.

A pesquisa teve por base algumas questões científicas que foram levantadas no chão do Centro de Ensino José Mota Amaral sendo estas: como é administrado o uso do dispositivo móvel – celular no ambiente escolar? Quais as concepções de uso adequados do celular no interior da escola pelos jovens do ensino médio? Quais dispositivos legais a escola possui que delimitam ou proíbem o uso do celular? Como as intervenções do Coordenador Pedagógico pode contribuir para o estreitamento de relações saudáveis e harmoniosas?

Essas indagações suscitam debates, reflexões pois o que mais se faz em nossas escolas de acordo com as legislações vigentes é proibir o jovem de usar o dispositivo na escola, portanto nosso estudo objetivou:

- Compreender como o uso do dispositivo móvel - celular pode ser administrado e/ou usado no ambiente escolar percebendo, quais desafios são interpostos na sua liberação ou proibição e como as intervenções do Coordenador Pedagógico pode contribuir para o estreitamento de relações saudáveis e harmoniosas.

De forma mais específicas investigamos dentre outros aspectos os seguintes:

- Investigar as concepções de uso adequados do celular no interior da escola pelos jovens do ensino médio.

- Analisar os dispositivos legais que proíbem o uso do celular no ambiente da escola, as interpretações e as relações de conflitos entre gestão, docentes e alunos.

- Refletir como a intervenção do coordenador pedagógico pode colaborar para o uso adequado do dispositivo na escola, numa possível mudança de percepção e postura por parte de seus sujeitos e conseqüentemente colaborar no processo de ensino e aprendizagem.

O caminho metodológico dessa pesquisa levou em conta estudos chamados de qualitativos e envolveu técnicas de análise e compreensão desse estudo, objetivou-se conhecer a opinião de professores, gestor escolar, coordenador pedagógico e alunos todos são atores envolvidos na escola que são afetados direto ou indiretamente com o uso inadequado do dispositivo aqui discutido.

A utilização de questionários serviram como instrumentos fundamentais nessa pesquisa, entrevistas com a gestora e a coordenadora pedagógica nos fez perceber a compreensão de suas concepções sobre o uso do dispositivo móvel, os conflitos resultantes desse uso inadequado e as possíveis e valorosa intervenções do Coordenador.

Os instrumentos de pesquisa compreenderam os instrumentos utilizados na pesquisa – ação, considerando ser ela a mais adequada para uma investigação, ela tem sido utilizada como uma estratégia de desenvolvimento na busca de soluções para os problemas comuns.

Os dados coletados foram analisados um a um, interpretados sucintamente e organizados em forma de gráficos e tabelas, as falas concedidas nas entrevistas foram analisadas, recortadas em alguns trechos e adicionadas de forma integral e verificou-se de maneira criteriosa e imparcial. Nesse sentido considera-se que o papel do Coordenador Pedagógico é essencial na construção de uma relação dialógica que respeite os dispositivos legais que constroem a autonomia da escola, mas que perceba que as inovações tecnológicas se aproximaram dos espaços da escola através do aluno denominado de “Nativo Digital”.

Este trabalho se estrutura em 4 capítulos, no primeiro abordamos o uso das mídias no contexto escolar, bem como o uso do celular na escola, o aluno do ensino médio com foco em suas percepções e as relações interpessoais na escola nesse contexto do uso do dispositivo móvel. Já no segundo capítulo abordamos o Coordenador Pedagógico no contexto escolar, como uma forma de aprofundar seu papel na escola frente ao protagonismo juvenil. Logo a seguir buscou-se conhecer a metodologia utilizada na coleta dos dados e por fim procedemos a análise e discussão dos dados coletados através de pesquisas realizadas com os sujeitos envolvidos na escola.

Espera-se que esse trabalho produza novos olhares, novas concepções e mudanças de posturas que dialogue com o novo nesse processo contínuo de avanços tecnológicos pelo qual passa nossa tão calejada educação, nossos sistemas educacionais enfim nossas escolas.

2 O USO DAS MÍDIAS NO CONTEXTO ESCOLAR

O avanço tecnológico está presente hoje em todos os setores da vida social, permeando as relações institucionais e fomentando relações cada vez mais virtual, na educação não poderia ser diferente, pois o impacto desse avanço se efetiva como processo social atingindo de fato todas as instituições sociais, invadindo a vida do ser humano desde o interior de sua casa, nos espaços onde mora e convive e também nas salas de aulas com os alunos. Assim sendo os aparelhos tecnológicos dirigem as atividades humanas condicionando o homem em seu pensar, seu agir, seu sentir e suas relações com os seus semelhantes.

O homem sempre sentiu necessidade de comunicar-se com os seus semelhantes, nesse anseio de comunicação estabeleceu diversos canais, alguns de certa forma até rudimentares mas que tinham como objetivo final o estabelecimento de diálogo, a fumaça expressa essa simbologia inicial, passando pela imprensa, pelo rádio, pelo telégrafo, pela telefonia pela televisão, elementos do século XX, especialmente entre os anos de 1940 e 1970, constituíram um sistema que ao desenvolver-se, transformaram-se em aparatos considerados de última geração ao integrar outros avanços tecnológicos mais recentes como o advento das redes de informática de internet em especial da telefonia móvel objeto desse estudo.

De todo esse aparato tecnológico, destacamos o papel que as mídias desempenham na conjuntura atual, desenvolvendo o favorecimento da produção, a difusão e a democratização da informação, diminuindo os espaços-tempo e favorecendo o estreitamento de relações e promovendo uma maior interação entre as pessoas, as mídias hoje conseguem permear as ações dos seres humanos desde as mais simples até as mais complexas envolvendo diversas camadas sociais, possibilitando hoje uma inserção tecnológica que ultrapassa as barreiras do limite geográfico.

Segundo o site Wikipedia, por mídias podemos compreender que é uma palavra derivada do Latim “media” plural de “médium” e que tem como significado, meio ou forma. O uso generalizado da palavra mídia é recente nas pesquisas em comunicação no Brasil, ela passou a ser amplamente empregada na década de 90, utiliza o sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação.

A internet é sem dúvida uma das ferramentas mais eficazes na mídia de comunicação. Ferramentas como o e-mail, msn, facebook, whatsapp, snapchat,

instagram,twitter tornaram as pessoas mais próximas e criaram novas comunidades sociais online.

Ao pensarmos na democratização do acesso e do uso das mídias compreendemos que ela representa um grande desafio, por mais que haja garantias legais que assegure o direito ao acesso, muitos cidadãos ainda não se sentem contemplados, vivem à margem da tecnologia excluídos da celeridade tecnológica e das vantagens que esta possui, especialmente em algumas regiões do Brasil o acesso às mídias ainda se configura desafio, Kenski(2003, p.23) colabora com a afirmativa que: “ A democratização do acesso a esses produtos tecnológicos e a consequente possibilidade de utiliza-los para a obtenção de informações é um grande desafio para a sociedade atual e demanda esforços e mudanças nas esferas econômicas educacionais de forma simples.”

Nesse contexto da democratização do acesso às mídias, precisamos alcançar o universo da escola pois aprender e ensinar são que se apresentam em um novo contexto demandados pelo avanço tecnológico, num momento em que vivemos na era da informação, quando as tecnologias e mídias ocupam grande parte do tempo e espaço das pessoas nos mais diversos lugares inclusive na escola. Os professores tem um importante papel nesse contexto, pois devem sempre buscar refletir sobre as mudanças provocadas pelas mídias e tecnologias, como estas influenciam no processo de ensino? Quais suas implicações positivas e negativas na aprendizagem? E a partir dessas reflexões buscar proporcionar experiências de aprendizagens significativas para os alunos, estimulando e preparando as novas gerações para a apropriação ativa e crítica destas novas mídias e tecnologias.

Não podemos negar que as mídias invadiram a escola, e muito menos negar que a escola ainda não compreende seu uso e não sabe o que fazer com essa invasão, como propiciar o que SETTE (1999) denomina de alfabetização midiática como parte dos processos de aprendizagem de forma articulada com o Projeto Político Pedagógico da escola, visando um desenvolvimento integral de seus alunos em todas as suas dimensões.

Na sociedade da informação, a escola está sendo o lugar onde os sujeitos estão reaprendendo a conhecer-se, a comunicar-se, a ensinar e a aprender, a integrar no cotidiano da sala de aula o homem e o tecnológico, o individual, o grupo e o social. Segundo (MORAN,2000)só haverá mudança no processo ensino aprendizagem quando o professor conseguir incluir dentro de uma visão integral todas as

tecnologias: as telemáticas ,as audiovisuais, as textuais, as orais, as musicais, as lúdicas e as corporais.

Os meios de comunicação e de informação são significativos para o campo da educação, a escola nesse contexto se vê diante de um desafio de integrar a tecnologia com a educação, renovar o ensino e construir conhecimentos aproximando-se do cotidiano de educandos cada vez mais sedentos de informação tecnológica, usuários dos mais modernos aparelhos com aplicativos cada vez mais atualizados, inquietando cada vez mais professores que ao se perceberem diante das mídias sentem-se despreparados, intimidados e receosos com a infinidade de informações a que seu aluno tem acesso.

Diante dessa realidade, novos desafios se desenham na escola, como ela poderá contribuir para que os jovens se tornem usuários criativos e críticos dessas ferramentas midiáticas de forma responsável, evitando que tornem meros consumidores compulsivos ou usuários alienados, como a escola poderá atuar de forma que equacione ou elimine as desigualdades sociais que o acesso desigual a essas mídias estão gerando.

Hoje o cenário demanda que os professores necessitam conhecer as potencialidades e as limitações pedagógicas envolvidas nas mídias/tecnologias, buscando se necessário o conhecimento através de formações que fomente cada vez mais seus saberes pedagógicos, pois o desafio hoje é dar nova vida ao currículo escolar e motivar alunos para novas aprendizagens, portanto umas das responsabilidades da escola nesse contexto da tecnologia é preparar cada vez mais seus docentes para o uso correto à favor da aprendizagem das mídias.

2.1- O uso do celular na Escola

A utilização de celular em sala de aula é um tema bastante polêmico que vem suscitando amplos debates no contexto educacional, para alguns eles podem gerar diversos incômodos nos espaços escolares, mas para outros pode ser compreendido como um recurso complementar no processo de ensino e aprendizagem.

Desde quando foi criado na década de 80, os celulares vem cada vez mais se modernizando, hoje os aplicativos disponíveis cada vez mais modernos fascinam todas as idades principalmente os adolescentes, a utilização desses recursos e qual

o uso que fazem desses aplicativos são inquietações de educadores pelas inúmeras escolas públicas brasileiras, que discutem como a incorporação dos celulares em sala de aula pode ou não colaborar com o processo educacional.

Nossas escolas hoje vivenciam um momento histórico no qual existem mais dispositivos móveis do que pessoas no planeta (UNESCO, 2014). Apesar de todas as proibições nas escolas que torna o uso irregular, esta presença de celulares e tablets já ocorre nas escolas públicas e junto a ela, diversas situações envolvendo a tríade professor-aluno-uso do celular. Esta utilização tem gerado conflitos no interior do espaço escolar e atrapalha segundo alguns a aprendizagem dos alunos.

As escolas hoje, ao se deparar com a utilização não pedagógica de qualquer equipamento eletrônico dentro de salas de aula, adotam a medida de proibir seu uso, entretanto a proibição total do uso dos celulares cria a ruptura da escola com o tempo tecnológico em que vivemos, gerando desconforto, constrangimento e submetendo a escola á imagem de ultrapassada, uma vez que não consegue administrar o uso desse dispositivo.

Os aparelhos móveis são, em geral, propriedades dos usuários, que personalizam de acordo com suas culturas, vivências e crenças e os carregam durante todo o dia. Acabam por se tornar “próteses personalizadas” (SANTAELLA, 2013) dos seus proprietários, que escolhem desde o modelo, aplicativos e até acessórios para seu equipamento. A função primordial do celular não está vinculada somente ao ambiente escolar ele tem outras vinculações que vão desde facilitar a comunicação, facilitar o trabalho, mas é possível fazer a transposição deste uso para torna-lo um importante aliado da aprendizagem.

Há nesse cenário uma figura importante para o sucesso ou fracasso desse uso, que é a figura do professor. Para alguns é inadmissível o uso desse dispositivo atrapalhador do processo outros adotam a máxima de que “se não se pode vencer o inimigo junte-se a ele” e ai consequentemente adotam a postura de incluir o aparelho em suas atividades escolares, percebe-se então que a concessão ou proibição do uso por partes dos professore tem sido um desafio de como o professor poderá utilizar os dispositivos móveis em sua organização pedagógica.

Recentemente a Organização das Nações unidas para a educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO publicou no início de 2013 um guia com 10 recomendações para incentivar os governos a implementarem políticas públicas educacionais que valorizem a utilização de celulares como recursos nas salas de aula.

O guia com as orientações foi apresentado na Segunda semana UNESCO “Mobile Learning” (MLW) realizada em Fevereiro de 2013 em Paris na sede da organização. Com a colaboração de um site brasileiro de educação essas orientações foram traduzidas e servem como referência para gestores buscarem se adequar com relação ao uso do celular.

10 recomendações aos governos:

- 1 - Criar ou atualizar políticas ligadas ao aprendizado móvel.
- 2 -Conscientizar sobre sua importância
- 3 -Expandir e melhorar opções de conexão.
- 4 -Ter acesso igualitário
- 5 -Garantir equidade de gênero.
- 6 -Criar e otimizar conteúdo educacional.
- 7 -Treinar professores.
- 8 -Capacitar educadores usando tecnologia móveis.
- 9 -Promover o uso seguro, saudável e responsável de tecnologias móveis.
- 10 -Usar tecnologia para melhorar a comunicação e a gestão educacional.

13 motivos para tornar o celular ferramenta pedagógica.

- Amplia o alcance e a equidade em educação.
- Melhora a educação em áreas de conflito ou que sofreram desastres naturais.
- Assiste aos alunos com deficiência
- Otimiza o tempo na sala de aula
- Permite que se aprenda em qualquer hora ou lugar
- Constrói novas comunidades de aprendizado
- Dá suporte a aprendizagem in loco
- Aproxima o aprendizado formal do informal
- Provê a avaliação e feedback imediatos
- Facilita o aprendizado personalizado
- Melhora a aprendizagem contínua
- Melhora a comunicação
- Maximiza a relação custo-benefício da educação.

Esse posicionamento pedagógico da UNESCO pode ser considerado como uma grande contribuição para que os nossos sistemas educacionais em que nossas escolas estão inseridas, dialoguem e busquem superar os problemas que vem

encontrando para acompanhar o desafio de ensinar através do uso das tecnologias. Tecnologias que requerem um “novo profissional” que domine estes recursos disponibilizados na nova comunicação.

Para Pretto (1999), vivemos em uma sociedade chamada de comunicação generalizada ou rede. E esta sociedade dá origem a alunos sedentos pela inclusão destas mídias na escola. Nossos alunos nasceram em um mundo digital e portanto são chamados de “nativos digitais”, são crianças e jovens ligados às tecnologias digitais cada vez mais precoce, com menos de dois anos já tem acesso a fotos e manipulam os dispositivos com uma facilidade que muitos adultos não se sentem capazes.

Os nativos digitais estão habituados a fazer várias coisas ao mesmo tempo. Enquanto ouvem música em seus celulares, enviam mensagens nos grupos sociais virtuais, acessam sites de relacionamento, baixando as fotos da Câmera digital, e ainda fazem a pesquisa solicitada pelo professor, tudo isso numa propriedade como quem administra um acessório simples.

Recentemente o portal G1 divulgou o resultado de um estudo realizado nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Rússia, Índia, Cingapura, Filipinas, México e Brasil revelou que Jovem brasileiro é mais conectado à internet do que a média global. Com o bloqueio do aplicativo WattsApp determinado por Juízes de 02 estados brasileiros, os jovens brasileiros iniciaram o que eles chamaram de “gritaria”, mostrando que os jovens do Brasil são os mais conectados do mundo.

Para esta geração de “nativos digitais” um emoji vale mais que mil palavras. É uma verdadeira febre o uso das carinhas para expressar o que dizem, o tempo de uso também vem sendo considerado uma febre entre os jovens embora estes saibam que essa mania de ficar no celular o tempo todo precisa ter limites.

Cada um no seu mundo particular, sozinhos. Mas não solitários. Em contato com os outros. Grudados no celular. 68% dos adolescentes brasileiros dizem se sentir ansiosos e solitários quando estão sem internet.

O celular é hoje para os nossos jovens uma extensão do corpo, 88% dos entrevistados gostariam de ter um dispositivo conectado à internet dentro do braço, evidenciando a dependência que tem do celular hoje. Uma dependência considerada por alguns como ruim dado o distanciamento que fazem do mundo real em detrimento do virtual e por outras considerada como prazerosa. As redes sociais são os locais mais frequentados pelos jovens e crianças, pois ali, sem limites de distância, tempo e

espaço, os participantes conversam, trocam informações, compartilham experiências, trocam mensagens e o fato de receber e enviar mensagem com frequência afeta segundo o estudo uma parte do cérebro que tem relação com o prazer, trazendo à tona a discussão de um mecanismo biológico que busca explicar o fenômeno da dependência tecnológica.

Pesquisas apontam ainda que oito em cada 10 crianças e jovens brasileiros entre 9 e 17 anos usuários de internet costumam acessar a rede pelo celular todos ou quase todos os dias. Ainda segundo a pesquisa pela primeira vez, o dispositivo móvel ultrapassou o computador de mesa como principal equipamento utilizado pelos jovens para navegar. Os dados são da edição 2014 da pesquisa anual sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil feita pela Cetic.br(Comitê Gestor da internet no Brasil)

A pesquisa revela ainda que fazer trabalhos escolares é a segunda atividade mais feita na internet, com 68% dos jovens admitindo que usam a rede para ajudar na escola, um percentual considerado significativo para a discussão do uso adequado das redes sociais por jovens e crianças. Esses dados nos revelam o quão dependente os nossos jovens estão do celular, seu uso indiscriminado não importando em qual lugar estejam evidencia uma dependência que não pode ser ignorada pela escola e sim administrada, justamente por ser a escola o espaço privilegiado para promover o conhecimento e a cidadania por meio do domínio das mídias, ao propiciar a alfabetização midiática como parte dos processos de aprendizagem e de forma articulada com o projeto político pedagógico.

O uso das mídias devidamente democratizado o seu acesso e compreendendo seu caráter didático pedagógico, pode sim se tornar um importante meio para potencializar a formação dos sujeitos como produtores e difusores da criação humana, objetivo último de um sistema educacional emancipatório como explica Sette (2005, 45):

As TIC oportunizam ao estudante não apenas o acesso ao conhecimento humano, disponibilizado em meio digital ou via interatividade (in)direta com autores e leitores, mas, principalmente, à produção e difusão de sua própria criação. Esses novos meios de comunicação, quando democratizados, acessíveis a todos, ensinam e dão voz e poder ao cidadão.

Ao afirmar a possibilidade de produção e difusão de sua própria criação possibilitado pelo uso das tecnologias, ressalta-se a importância dos meios de

comunicação e de informação e seu significado para o campo da educação como veículo de interação e socialização das culturas existentes no universo escolar.

2.2 O Aluno do Ensino Médio

A sociedade contemporânea vem sofrendo profundas e rápidas transformações de ordem científico tecnológica que por sua vez permeiam as esferas econômica e social. Isso vem gerando mudanças no perfil das ocupações exigindo um profissional dotado de competências e habilidades, apto para resolver diversas situações exigidas pelo momento social, científico-tecnológico pelo qual a sociedade passa em virtude do caráter intrínseco das linguagens na vida, na educação e no trabalho.

Nesse contexto, as mudanças ocorridas no mundo da produção apontam para uma nova forma de relação entre o saber e a técnica, na qual as formas de fazer passam a ser substituídas por ações que articulem conhecimentos científico capacidades cognitivas com intervenções rápidas, crítica e criativa perante o contexto social.

As mudanças pelas quais o mundo passa, chegou também ao cenário educacional, as mudanças educacionais no Ensino Médio se integram e são urgentes, uma vez que o antigo 2º grau, preocupado com a formação da mão-de-obra para atender um mercado de trabalho restrito desvinculava a formação integral do sujeito da necessidade de continuar aprendendo.

As novas exigências da formação humana passam, necessariamente, pela escolarização inicial e continuada, com a construção de um novo projeto educativo que articule as finalidades entre educação para a cidadania e para o trabalho. Esse projeto baseia-se em uma concepção de qualificação humana que, de fato tome por princípio a construção da autonomia intelectual e ética, por meio do acesso ao conhecimento científico e sócio- histórico, que permita o desenvolvimento das capacidades necessárias à aquisição e produção do conhecimento de forma continuada.

Como última etapa da educação básica, o Ensino Médio objetiva, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos na educação fundamental, desenvolver a compreensão e o domínio dos fundamentos científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna e o prosseguimento de estudos.

A identificação do Ensino Médio como formação básica, articulada com uma perspectiva de educação tecnológica e com o mundo do trabalho, tem sua fundamentação nas diretrizes de práticas pedagógicas com o ideário de diversificação e flexibilidade curricular, atendendo às diferentes clientela e à crescente autonomia da escola e do aluno na adequação curricular.

O novo paradigma do Ensino Médio, no Brasil, situa o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, capaz de resolver situações reais, ou seja, preparar o jovem para a cidadania.

Hoje cada vez mais o jovem se integra ao ensino médio mais cedo, é a juventude quem mais integra esse público nessa etapa da formação básica. A juventude é constituída como a representação de um grupo social que se industrializa, que acompanha a evolução do processo tecnológico e que coloca em suas causas as condições fundamentais de sua vida em meio ao desafio das contradições sociais ocasionadas pela mundialização do capital que induz nossos jovens ao consumismo desenfreado.

O termo juventude é uma categoria teórica tecida na modernidade, segundo Aries (1981), e mais disseminada no século XX. É uma categoria socialmente construída e formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais e políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo.

Como categoria recentemente construída, a juventude começou a ser percebida em sua pluralidade a partir de estudos que a transformaram em campo de pesquisa, ou seja, passou a ser compreendida em suas múltiplas expressões e vivências, sendo definida além de critérios de idade ou biológicos. Portanto:

[...] a juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em seu contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere (DAYRELL, 2007, p.4)

A valorização da Cultura Juvenil se inicia pela mudança de visão que os jovens e adolescentes de hoje são diferentes dos de outrora, da educação escolar moderna. As grandes mudanças nos modos de produção, as mudanças na estrutura social e familiar, as transformações no plano das instâncias de produção e de difusão de significados, as mudanças culturais, afetam profundamente os processos de construção das subjetividades.

Nas práticas de valorização da Cultura Juvenil, aqui entendida como os diversos modos, práticas e atitudes experienciadas no cotidiano juvenil permitindo que a dimensão do simbólico seja assumida em sua trajetória de vida como um elemento de comunicação significativa.

O jovem ocupa uma posição de centralidade no processo em que ocorre o processo de ensino – aprendizagem, devendo ele participar do planejamento, da execução e avaliação, apropriando-se dos resultados desse processo. Participando assim ativamente de seu próprio processo de aprendizagem, o jovem desenvolve sua autonomia intelectual para resolver os problemas práticos dos diferentes grupos em diferentes espaços, ou seja um jovem autônomo, capaz de analisar seu entorno criticamente e agir para transformá-lo, segundo seus desejos, necessidades, ideais do grupo no qual está inserido. É ator principal em ações que envolvem o bem comum, fonte de iniciativa, ação de liberdade-opção de compromisso e responsabilidade.

Os estudos de Charlot (2000, p.33) contribuem significativamente para a discussão do jovem aluno como sujeito histórico – social, pois ao afirmar que este também é, primeiramente, uma criança ou um adolescente, o focaliza no contexto social mais amplo. Nesse contexto o aluno é “um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimentos de diversos tipos”. Destaca o autor que é imprescindível levar em consideração o sujeito ao estudar a educação.

No cotidiano intra e extra - escolar, percebe-se que a juventude quase sempre é abordada sob uma perspectiva negativa, a partir de imagens estereotipadas, que enfatizam o jovem como “indisciplinado”, “problemático”, “irresponsável”, “rebelde”, “alienado” e sem perspectivas de futuro, o que contribui para reforçar a existência de modelos estereotipados de juventude, socialmente construídos, que acabam reafirmando uma visão homogeneizante e homogeneizada dessa categoria como se os jovens fossem iguais em qualquer lugar.

Novaes (2006) analisa que a escola precisa compreender que não há um único modelo de ser jovem, pois existem grupos e segmentos organizados que falam por parcelas da juventude, mas nenhum grupo tem a delegação de falar por todos aqueles que fazem parte da mesma faixa etária.

Os jovens em torno de suas vivências escolares buscam se agregar e afirmar sua identidade, considera que esse espaço da escola oportuniza ampliar suas

relações sociais, possibilitando o surgimento das redes de sociabilidade que a escola e outros espaços podem promover. Dayrell (2006 p. 128) afirma que:

A existência de redes de sociabilidade configura a formação de interdependências, de alianças, de laços de solidariedade, de espaços de lazer e de encontro, e possibilita trocas de experiências entre eles, respondendo as suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de afetividade e, principalmente, de construção e afirmação identitária. Nesse sentido, pode-se entender os grupos culturais como produtores de sociabilidades.

Nessa perspectiva percebe-se a importância do papel da escola em realmente assumir-se como espaço de sociabilidade da juventude, buscando dialogar com as culturas juvenis, muitas vezes subalternizadas, subestimadas e até ignoradas nos espaços educativos. É fundamental que a escola redimensione o olhar sobre os jovens considerando suas trajetórias de vida (humanas, escolares, étnicas, classes, gêneros, culturais etc.) percebendo que estas trajetórias estão inseridas no cotidiano juvenil.

A Escola muitas vezes por não conseguir estabelecer um diálogo mais próximo com os jovens que chegam ao Ensino Médio, sentem dificuldade como espaço educativo em vê-los e concebê-los como sujeitos e cidadãos que chegam ao espaço escolar trazendo sonhos, desafios, expectativas, valores, visões de mundo e expressões culturais e que tem ainda o direito de viver plenamente a sua juventude.

A chegada de um grande número de jovens ao Ensino Médio tornou-o ainda mais diversos em sua heterogeneidade, pois a juventude além de estar inserida em contextos de desigualdades sociais, é marcadamente pautada por múltiplas diferenças e práticas culturais, acabando por trazer e manifestar novos desafios no espaço escolar.

A escola precisa constituir-se como um espaço de dialogicidade, propiciando a construção de espaços mais interativos, buscando conceber os jovens como sujeitos que possuem experiências culturais, as quais devem ser reconhecidas e ampliadas, contribuindo para a formação de identidades e para o fortalecimento da auto estima.

O jovem no ensino médio precisa ser compreendido como alguém que constroem seus projetos de vida, constroem suas cidadanias. Portanto a escola deverá oferecer possibilidades para que os jovens do Ensino Médio vivenciem

experiências, desenvolvam a autonomia intelectual, a cidadania e os valores humanos.

2.3 As relações interpessoais na escola no contexto do uso do dispositivo móvel.

Estabelecer boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que o aprendizado se efetive de fato no ambiente escolar é necessário que as relações sejam harmônicas, favoreçam o diálogo e a troca de experiências.

O relacionamento que a escola constrói com seus alunos é a porta de entrada para o sucesso pessoal e profissional, há ensino de qualidade quando há respeito entre todos, quando se convive num ambiente harmonioso onde as pessoas se respeitam e trocam afetos, assim o convívio se torna positivo e as atividades educativas se tornam mais prazerosas e satisfatórias.

Segundo Mosquera e Stobaus (2004,p.92) “Grande parte dos problemas que as pessoas tem provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas” Ter boa relação entre professor e aluno é fundamental para garantir uma vida saudável. Quando as relações entre as pessoas são positivas, forma-se um ambiente motivador, de interação e de troca.

Estamos vivendo dias bastante conturbados, as instituições vivem em conflitos, muitas vezes o convívio familiar é prejudicado em virtude da excessiva carga horária que o trabalho ou a escola ocupa do tempo de seus membros, em decorrência disso muitos valores como o respeito mútuo, o saber ouvir o outro são deixados de lado, em decorrência disso nossos alunos refletem na sala de aula esses conflitos e espera que ali ele seja aceito, seja ouvido com respeito e receba a atenção necessária para equacionar seus conflitos internos.

A dinâmica das relações interpessoais nem sempre é positiva, imersos em um ambiente de competitividade e de comunicação escassa o trabalho não tende a render como se espera, sem contar que as atribuições do dia-a-dia acabam que distanciando uns dos outros ou tornando as proximidades superficiais.

Se as relações na escola, de uma forma geral, não estiverem equilibradas, o professor na sala de aula não fará um bom trabalho, e seu relacionamento com os alunos também poderá ficar comprometido. Mosquera e

Stobaus (2004, P.93) alertam que “ Grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas”. Portanto para se manter um bom relacionamento, precisamos entender e respeitar o fato de que as pessoas são diferentes, pensam e agem diferente do que gostaríamos.

Quando os sujeitos de uma escola relacionam-se bem, há grandes chances de se alcançar uma estrutura forte e funcional nesse meio. É necessário que haja um bom entendimento entre toda a equipe da escola , pois existindo comunicação e respeito tudo funciona melhor: as normas são discutidas, as sugestões apresentadas são discutidas por todos os envolvidos e levadas em consideração.

No contexto do uso das mídias no ambiente escolar, reafirmamos que a escola rejeita essa mídia e não compreende nossos jovens do ensino médio como a geração que atua e sobrevive em função das redes sociais.

Cada jovem aluno que chega ao ambiente escolar tem a sua personalidade, e este fator deve ser levado em consideração, todo aluno traz para a sala de aula um história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida.

Em tempos de tecnologia avançada a comunicação e a interação com os alunos está se tornando cada vez mais conflituosas, pois o professor compreende que a aprendizagem deva se dar de um forma, com aluno completamente concentrado em um determinado assunto sem nenhuma interferência externa, habilidade necessária para memorizar. Para o aluno de hoje memorizar não está na sua lista de prioridade, estar conectado permite buscar qualquer dado rapidamente e para dúvidas ele compartilha e busca respostas.

Sendo os primeiros seres digitais, cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis em quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa. As crianças hoje passam horas de seu dia assistindo à televisão, jogando no computador e conversando nas salas de bate papo. Ao fazê-lo, elas processam quantidades enormes de informação por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios. Elas se comunicam com amigos e outras pessoas de maneira muito mais intensa do que as gerações anteriores, usando a televisão, o Msn, os telefones celulares, os Ipods, os blogs, os wikis, as salas de bate papo na internet, os jogos e outras plataformas de comunicação. Usam recursos e essas plataformas em redes técnicas globais, tendo o mundo como quadro de referência. (VEEN; VRAKKing, 2006, p.29)

Recentemente o Brasil tem assistido a momentos em que essa relação de conflitos na escola vem sendo vivenciada, a escola sabe que precisa estar melhor preparada para atender o jovem antenado de hoje, porém o discurso e a prática não estão alinhados como deveriam, nossos docentes ficam atrapalhados frente à mudança em suas práticas escolares. Como lembra Freire: “Ditamos ideias, trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com eles” -(FREIRE, 2011, p.127).

A maioria dos professores em atividade hoje foram alunos de um tempo diferente do atual e tem por modelo de aluno uma pessoa semelhante a que ele foi. Se pensarmos em quem são os jovens nossos alunos de hoje, vamos encontrar seres que nasceram sob a era da tecnologia estão desde cedo em suas vidas envoltos com computadores, jogos eletrônicos, notebooks e o famoso celular.

Entender que os alunos de hoje aprendem de maneira diferente da geração anterior, é fundamental para que se possa auxiliá-los no processo de aprendizagem. A Escola e os educadores precisam repensar a educação em tempos de tecnologia e repensar ainda mais as relações nela estabelecidas nesse contexto em que o uso do celular vem sendo visto como grande vilão, atrapalhador do processo de aprendizagem.

Inúmeras canais de comunicação dão conta do uso do celular na escola e de como ele vem sendo tratado. G1 do Portal o Globo (GLOBO, 2016 não paginado) noticiou:

Alunos são proibidos de entrar com telefone celular em escola do RS. Direção barrou utilização de aparelhos eletrônicos para aumentar notas. Pais e professores apoiam medida, que divide estudantes em Tio Hugo. A direção de uma escola do município de Tio Hugo, na região Norte do Rio Grande do Sul, proibiu que os alunos utilizem telefones celulares dentro da instituição de ensino. A decisão gerou polêmica. Mas a medida, conforme os professores, ajudou a melhorar a nota dos alunos. Os quase 200 estudantes da Escola Municipal Antônio Parreiras não podem mais levar nenhum aparelho eletrônico para a sala de aula desde o início do ano letivo. A decisão foi tomada em conjunto entre pais e professores. A secretaria municipal de educação também apoia a medida.

Outra notícia também do portal G1 (GLOBO, 2016 não paginado), evidenciam a proibição do celular:

Lei que proíbe uso de celulares nas escolas públicas do AC é sancionada Proibição se estende também para outros equipamentos eletrônicos. Lei passa a valer nesta quarta-feira (30) e foi publicada no Diário Oficial. O Diário Oficial desta quarta-feira (30) destaca a lei, sancionada pelo governador do Acre, Tião Viana, que proíbe o uso de aparelhos celulares e equipamentos eletrônicos (smartphones e tablets) nos estabelecimentos de ensino público e privado estadual.

RIO - A polêmica do uso de celular em sala de aula chegou nos tribunais depois que um aluno processou o seu professor por ter tomado o aparelho no meio de uma aula. O episódio aconteceu em Tobias Barreto, no Sergipe, e teve a decisão do juiz Elieser Siqueira de Souza Junior a favor do docente. O magistrado aproveitou a sentença para criticar as novelas, reality-shows e a ostentação, considerados pelo magistrado como contra educação.

São inúmeros os relatos de conflito travados nessa relação entre professores e alunos em decorrência do uso do celular, evidenciando que nossas escolas ainda não se sentem preparadas para lidar com o uso dos dispositivos moveis que vem ganhando cada vez mais espaços na vida do nosso público jovem do ensino médio. Serão necessários novos olhares e novas posturas para que essa relação de animosidade possa dar lugar a uma relação harmônica onde o processo de ensinar e aprender seja preservado, considerando os novos tempos, tempos de tecnologia.

3 O COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação deve fornecer, de algum modo os mapas de um mundo complexo e constantemente em mutação, que exige do homem cada vez mais um desdobramento e uma reflexão filosófica capaz de promover sua inserção social. Educar é garantir ao homem os meios que o habilite a viver em sociedade como cidadão, por meio de uma aprendizagem significativa, garantindo aos discentes uma educação mais detalhada dos conteúdos e aos docentes as possibilidades metodológicas de formação humana.

A educação escolar é o instrumento que deve garantir a sociedade democrática, ocidental, moderna, sustentada pelas relações de produção capitalista; e também a socialização dos conhecimentos científicos e tecnológico acumulados pela humanidade. A apropriação dos saberes organizados pelas diversas ciências constitui o indispensável para formação e para o exercício da cidadania. (LARCHERT, 2010. p. 19).

A autora retrata neste sentido que a educação em todos os seus critérios de saberes consiste em preparar o homem para o exercício pleno da cidadania. O coordenador pedagógico, além de exercer uma função de direção, cabe a ele gerir de forma mais direta os docentes que produzem seus planos de aulas voltados aos discentes, há aí uma grande responsabilidade em ser o mediador desse contexto, pois ao mesmo em que cabe a ele orientar, dá suporte ao trabalho docente na medida do possível, estimular docentes e alunos para um melhor rendimento, necessita também acompanhar todo o trabalho pedagógico, além de que precisa estar sempre pronto para motivar a equipe ainda, pode destacar alguns outros elementos essenciais para o trabalho escolar do coordenador pedagógico tais como:

Quadro 1 – Elementos essenciais para o trabalho do coordenador pedagógico

<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a conhecer, adquirir os instrumentos da compreensão;
<ul style="list-style-type: none"> • Garantir a criticidade de docentes e alunos, propondo sempre projetos e tarefas com espaço aberto a ideias mutuas;
<ul style="list-style-type: none"> • Fazer, ter ideias e expô-las para poder agir sobre o meio que o envolve;

<ul style="list-style-type: none">• Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
<ul style="list-style-type: none">• Zelar pela aprendizagem dos alunos;
<ul style="list-style-type: none">• Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
<ul style="list-style-type: none">• Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Fonte: (Revista Aprendizagem, 2011)

A sala de aula é um espaço que aglutina diferenças, em que os diferentes se encontram e partilham os mesmos objetivos (aprender). Portanto, espera-se que o professor esteja formado na direção de entender e bem desempenhar esse importante papel, nesse incomparável lugar. A escola, na verdade, é um lugar considerado sagrado, por ser onde se podem experimentar outras hipóteses, outros conhecimentos em diferentes formas de manifestação cultural. O papel do coordenador nesse sentido é fazer com que a escola exerça realmente o papel que cabe a ela na sociedade.

Compreendendo a escola como o maior e melhor espaço de formação do homem na sua totalidade, podemos notar que a necessidade de garantir que nela as relações se estreitem e se estabeleçam na coletividade, compreendendo a força do grupo como formadora, o trabalho em grupo fortalece a dimensão do que está em uma instituição. E a escola é o melhor lugar de se promover essa relação, interação, ampliar os debates convergentes e lidar com as divergências de forma que em todos os processos haja crescimento de seus pares, todos ali envolvidos diretamente, pois há de se destacar que todo o trabalho didático se amplia a partir do grupo, da parceria, da junção de ideias e valores a serem plantados nas escolas e sala de aula.

E para tanto é necessário um planejamento mutuo onde valoriza os saberes e possa ampliar a ideias e tirar o que hoje mais esta tida como contrapartida da escola que é as tecnologias que se valorizam a cada dia e desvalorizam o que temos na escola.

Ainda, cabe à escola, em todo o seu contexto, criar condições, que garantam o aprendizado de conteúdos necessários para vida em sociedade, oferecendo instrumentos de compreensão de realidade, bem como favorecer a participação dos educandos ,nas instâncias sociais de sua comunidade. Assim como, dar todo o suporte ao trabalho pedagógico orientado pelo coordenador.

O trabalho específico da escola é proporcionar um conjunto de prática planejada com o propósito de construir para os alunos assimilarem determinados elementos culturais, considerados essenciais para o desenvolvimento e para a sociedade, que, dificilmente seriam adquiridos sem uma orientação específica. (LARCHERT. 2010.p 20).

A autora esclarece que a escola tem a função educativa, propondo aos alunos um aprendizado onde garanta a criticidade e autonomia de ideias, os alunos tem que buscar e ter na escola o que se lhes permitam estarem ineridos nos diversos contextos sociais. Todos esses critérios podem e devem ser propostos pelos coordenadores educacionais nos quais estão para fazer com que essa educação seja distribuída na garantia do melhor fazer pedagógico.

Toda ação humana tem propósito, orientado e dirigido em prol daquilo que se quer alcançar. Assim é a ação de gestor escolar que deve ser realizada em função, princípios e objetivos educacionais. Pautada sempre na equipe, pela equipe e por todos que fazem parte desta liderança. (LARCHERT, 2011. p.62).

Ou seja, a autora expressa, nesse pensamento, que para uma liderança cumprir os seus objetivos deve dá oportunidade a todos se expressarem livremente e de forma coesa, oportunizando um espaço em que as decisões são tomadas em pleno consenso com o mesmo ideal, quando se pensar no fazer pedagógico, pensa nos alunos que são os principais protagonistas da educação, então cabe mais uma vez ao coordenador liderar para garantir propostas pedagógicas voltadas aos alunos visando um verdadeiro aprender.

Podemos ressaltar o que diz na Revista Aprendizagem(2011) que os coordenadores pedagógicos, em consonância com os princípios e diretrizes do Projeto Político Pedagógico, também podem atuar no sentido de pesquisar e integrar às ações das escolas os projetos culturais da comunidade, de modo a aproximar o contexto escolar dos contextos extraescolares dos quais as crianças participam. Estes profissionais são responsáveis, ainda, por: organizar e orientar a produção de documentos com informações sobre os discentes; decidir sobre o acesso a documentos e relatórios sobre a vida escolar dos estudantes e organizar, junto com o

grupo de trabalho, as enturmações /agrupamentos das crianças, com base nas informações registradas na escola.

Os coordenadores também devem atuar no desenvolvimento de ações de articulação com as famílias, para integrá-las à vida escolar, contribuindo com as condições que garantam a frequência regular das crianças e o acompanhamento de suas atividades escolares. Também são de responsabilidade dos coordenadores, juntamente com os professores, os encaminhamentos e acompanhamento junto aos órgãos competentes dos casos de abusos, violação de direitos e negligências.

O coordenador pedagógico, nesse contexto, torna-se um multi - funcional, onde como profissional precisa está preparado para atuar em meio às diversidades e dificuldades, no qual a educação, geralmente, promove, pois está à frente de uma equipe com a função de manter a ordem, diante disso –coordenar é um papel bem confuso, onde, às vezes, o próprio coordenador pedagógico busca meios pelos quais necessita de muita sabedoria e controle pedagógico.

3.1 O coordenador pedagógico na dialética do protagonismo juvenil

Ao discutirmos o protagonismo juvenil precisamos compreender que alguns elementos da escola promovem o seu crescimento, o seu papel real de protagonista e não de coadjuvante de seus aprendizado dentre eles destacamos que o prédio escolar, os equipamentos, os, materiais e insumos pedagógicos fazem parte de uma série de aparatos que levam ao sucesso, mas não só isso contribuem caso contrário teríamos inúmeros casos de sucesso por ai. As pessoas, por si só também não o são. Se assim fosse, bastaria termos os melhores docentes e administradores escolares reunidos numa unidade e pronto, o sucesso estaria garantido. Há de se perceber que para que a escola obtenha sucesso são necessários um somatório de fatores que somados aos esforços humanos e ao bom desempenho deste profissional da área pedagógica convergirão para uma educação exitosa e qualificada.

A instituição escolar é sobretudo um espaço onde o cidadão se encontra, se socializa aprende novos costumes, e busca uma preparação significativa para a vida social, e ao mundo do trabalho, pois a escola que educa para o trabalho, também educa para a cidadania e para o aprender, para alfabetizar a ser um cidadão crítico.

O que uma instituição repassa ao homem, servirá de base para a construção de novos conhecimentos os quais serão utilizados durante toda a sua vida e em sua formação profissional. Na escola é sabido que se tem direito, porém também muitos deveres. (MARANHÃO, 2001, p.90).

Partindo daí é correto afirmar que a escola, é sim, de suma importância ao aprendizado humano. Pois, ela ensina o que se tem de aprender para se profissionalizar e estar inserido na sociedade. Tornar o homem um cidadão apto ao meio, no qual estamos inseridos. Podendo assim ressaltarmos alguns direitos e deveres nos quais são explícitos na instituição escolar:

Quadro 2 – Direitos e deveres dos alunos

<ul style="list-style-type: none"> • Direitos: Ser respeitados por todos Ter boa assistência do professor. Estudar numa escola limpa e agradável. Ter aulas num ambiente de ordem.
<ul style="list-style-type: none"> • Deveres: Respeitar todas as pessoas, cumprimentar a todos, não faltar às aulas, fazer as lições com atenção e boa vontade, estudar e fazer as lições de casa, conservar os móveis, objetos e prédio da escola, jogar o lixo na, lixeira.

Fonte: (Regimento Escolar C.E.J. Amaral, 2016)

Baseando nas informações anteriores e pautando no protagonismo juvenil, o jovem é tomado como elemento central da prática educativa, que participa de todas as fases desta prática, desta elaboração de ideias, saberes e conhecimentos onde todo o fazer educacional é voltado a ele, do fazer pedagógico até a avaliação do que se é proposto. A ideia é que o protagonismo juvenil possa estimular a participação social dos jovens, contribuindo não apenas com o desenvolvimento pessoal dos jovens atingidos, mas com o desenvolvimento das comunidades em que os jovens estão inseridos.

Assim o coordenador como ponte entre docente e aluno tem que buscar de certa forma uma pedagogia voltada ao protagonismo juvenil, para que esse possa sim contribuir para a formação de pessoas mais autônomas e comprometidas socialmente, com valores de solidariedade e respeito mais incorporados, o que contribui para uma proposta de transformação social.

Docência e coordenação andam juntas lado a lado no ambiente escolar. Quem trabalha nessas funções precisam atuar em parceria, trocar ideias, ouvir, respeitar, somar conhecimentos com frequência e traçar caminhos para que ambas atinjam, um melhor resultado. Pois, é sabido que a experiência docente é pré - requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções do magistério.

Em todo o sentido do fazer educação, e acabar com o tabu de que os jovens de hoje são inadimplentes, não buscam socializar com o real, interagem com o que é de proveito para eles, deseja, estão aptos a lidar com o que dizem ser bom pra eles na opinião deles, cabe assim ao coordenador mudar essa ideia e oportunizar uma melhor didática voltada a resgatar os jovens dando lhes compreensão de que a educação ainda é o melhor rumo ao futuro social, político, econômico, religioso, e que é a melhor ponte para o mercado de trabalho.

Ainda, é possível mostrar aos jovens que as mudanças atuais, nosso maior desafio seja formar um homem solidário, autônomo, que seja capaz de aprender com o que se tem o novo que surge diariamente ganhando assim espaço no mercado de trabalho e que possa se familiarizar com a tal globalização, desigualdade e exclusão social sem pisar passar por cima de seus ideais e romper o que se aprende na escola.

Para formular melhor essa ideia de que a educação precisa e deve promover uma educação onde se pautem a solidariedade e autonomia podemos partir dos artigo 205 da Constituição Federal de 1988 como com a LDB (BRASIL, 1996) de 1996 onde diz: A educação é um direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade civil, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

E do artigo 1º, da Lei 9394/96, LDB, que diz:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nos movimentos culturais.

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I- Construir uma sociedade livre, justa e solidária; II- Garantir o desenvolvimento nacional;
- III- Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV- Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Contudo podemos dizer então que o protagonismo juvenil deve ser compreendido além do fazer pedagógico, seja além da escola, mais sim em todos os aspectos sociais que possam auxiliar os jovens no exercício cotidiano em seu viver público. Propondo-lhes assim mais saber e compreensão do que se pode ter no meio social no qual estar inserido.

Assim o coordenador ainda tem a função de propor meios para um educar onde se possa ceder um espaço ao jovem tendo assim a função de suporte podendo ouvir e fazer valer as ideias dos jovens nos quais são, de certa forma, os protagonistas dessa relação; onde são os principais atores nos quais devem e precisam de muito apoio e colaboração de todas as demandas sociais em especial da escola.

Ainda é importante lembrarmos que o fracasso ou sucesso escolar pode estar ligado as questões de como a escola é conduzida em seus processos de ensinar e aprender. Uma coisa muito óbvia: a escola é gerida na direção do sucesso, mais quem faz o sucesso ou não acontecer são seus protagonistas.

3.2 As intervenções pedagógicas: no uso das mídias e nas relações interpessoais.

Houve um tempo em que lápis e papel eram materiais disponíveis e indispensáveis em sala de aula sendo também valorizado fora da escola, com o passar dos anos veio às máquinas de datilografia, calculadoras, computadores, celulares equipamentos mais sofisticados e que ao mesmo tempo em que trazem conforto, facilidade, conhecimento de mundo também prejudicam por serem mais avançadas do que podemos oferecer aos nossos alunos em sala de aula, de rádio a internet tudo os alunos tem livre acesso porem ainda é cabível ressaltar que a informação que chega às crianças jovens e adolescentes em suma maioria são violadas pela própria publicação da mesma que muito às vezes chega de forma distorcida promovendo uma interação não viável ao campo educacional.

A questão é como buscar orientar esses alunos a real informação, como mantê-los atualizados com a verdade na qual não os prejudiquem? Sendo que em casa na rua em diversos ambientes nos quais frequentam a mídia se alastra vedando seus olhos e poluindo sua natureza humana.

Nesse dilema o coordenador pedagógico tem consigo uma grande missão como líder, organizador institucional de uma equipe na qual lidar de frente a esses corrompidos pela mídia e tecnologias globalizadas que são possíveis de dominar e poluir mentes em questão de segundos. Este precisa bater de frente a essa alienação cultural promovendo uma mídia porem escolar garantir aos alunos que se mantenham informados mais da maneira correta, podendo assim elaborar conteúdos voltados ao que se tem na rua ao que se ver, se aprende se entende e trazer para a escola por meio a aula dinamizadas na compreensão do certo, do que entenderam, compartilhando com a equipe, turma debatendo a temática, pois é sabido ainda que a cada dia tem uma novidade apresentada pela mídia.

A cada dia uma notícia uma novidade em jornais, revistas, celulares etc.. Tendo o poder de chegar à sociedade (alunos) de diversas formas, cabe ai uma maior intervenção pedagógica, usar também essas mesmas informações adequando-as aos conteúdos didáticos de sala de aula, pois ainda é importante ressaltar que o plano de aula é flexível justamente para isso nos possibilitando um ajuste quando preciso.

Educar, hoje, supõe colocar limites, ir contra pulsões destrutivas, enfrentar problemas, ensinar não apenas habilidades, conceitos e conteúdos vários, mas socializar para a vida em sociedade. Os alunos e suas famílias não esperam da escola reiteração de sua própria cultura nem da “linguagem pública”. Pretende “a oportunidade de adquirir algo que não lhes foi dado de berço, uma “cultura escolar”, uma linguagem culta”, algo que depende diretamente da qualidade da formação o e da disposição dos professores que a escol lhes oferece. (FERREIRA, 2010. p.3)

A comunidade, busca na escola não só a formação educacional e sim cultural, culta, e até mesmo da personalidade, há certa esperança do amanhã ser mais igualitário, e esta busca se espera por meio ao ensino, nas instituições escolares, daí mais uma vez a responsabilidade da coordenação, organizar um trabalho pedagógico para suprir pelo menos uma parte do que se deve, pois “a cultura do mundo” a comunidade, os alunos já conhecem, estão ali para adquirir algo, a mais, “vão à escola para sonhar” por isso é premente repassar que princípios, conceito e valores deverão nortear a formação e a prática dos profissionais da educação.

Em especial dos profissionais da educação que irão exercer supervisão em todos os âmbitos do sistema educacionais, em resposta às demandas que urgem diante das profundas modificações que têm ocorrido no mundo do trabalho e das relações sociais na chamada “sociedade do conhecimento” e na “era da globalização”.

Enquanto a profissionalização em sentido estrito vem sendo colocada em questão e cada vez mais deparamos com o de emprego de pessoas altamente qualificadas, o ensino básico sobressai como o patamar nuclear de conhecimento que cada vez mais são demandados na contemporaneidade.

Essa pedagogia foi dando origem propostas que ora se contrataram nos conteúdos, ora nas atividades, sem nunca contemplar uma relação integresse conteúdos e métodos, no sentido de propiciar o domínio intelectual das práticas sociais e produtivas. Em decorrência, a seleção e a organização de conteúdos sempre tiveram por base uma concepção positivista de ciência, uma concepção de conhecimento rigorosamente formalizada, linear e fragmentada, em cada objeto correspondia uma especialidade, a qual ao construir seu próprio campo, se automatizada, desvinculando-se das demais e perdendo também o vínculo com as relações sociais e produtivas.

3.3 As mídias tecnológicas e sua contribuição com o processo de ensino e aprendizagem

A mídia é uma expressão usada para designar os principais veículos de um determinado sistema de comunicação social, considerando os setores tradicionais Emissoras de Rádio e TVs, Jornais, Revistas e agora a Internet, a grande mídia internacional. O termo não tem uma origem historicamente delimitada, mas pode estar ligado à literatura acadêmica produzida pela escola da teoria crítica da comunicação e a conceitos como indústria cultural e comunicação de massa, surgidos ao longo do século XX.

É empregada geralmente com conotação pejorativa, servindo para traduzir uma alegada má influência governamental e cultural exercida por estas empresas de comunicação sobre a sociedade tanto em nível nacional quanto regional. A esta expressão contrapõem-se "mídia alternativa" e/ou "imprensa nanica", surgidas no Brasil nos anos 70.

Em tempos de transformações constantes, inovar é questão de sobrevivência, o momento demanda dos educadores e das políticas educacionais posturas e soluções diferentes diante do que vivenciamos. Estamos em uma contemporaneidade intensas mudanças globais e em diferentes esferas, seja no âmbito econômico, cultural, tecnológico e educacional, é um momento propício para

refletirmos essencialmente sobre o que diz respeito a organização curricular e ao trabalho pedagógico envolvendo vários sentidos no fazer pedagógico, durante as últimas décadas, a educação brasileira passou por alguns movimentos demarcados por políticas públicas que promovem a quebra de paradigmas em relação as práticas pedagógicas e trouxeram novas possibilidades para o processo de ensino aprendizagem. Podemos citar como exemplos:

- ✓ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN-Lei nº 9394/96);
- ✓ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN);
- ✓ Os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (RCNEI);
- ✓ A ampliação do ensino fundamental para nove anos;
- ✓ O Pacto Nacional pela Idade Certa, dentre outros.

Com todos esses avanços é imperativo analisar e apresentar caminhos e possibilidades para educar também por meio as mídias nas quais são estão inseridas no dia a dia da sociedade (alunos). De livre acesso sem que possam perceber que o que se tem na mídia o que ela oferece não pode ser comparado ao que se tem na escola, pois a educação escolar mesmo com muitos programas em apoio à educação ainda se deixa a desejar, pois em ritmo acelerado a mídia se apresenta e acaba paralisando o processo de ensino aprendizagem.

É sabido que a educação brasileira está vivendo momentos de grande efervescência. São notícias a todo vapor por meio as redes sociais pois elas são formas mais rápidas e comuns de entrarem nos lares nas mentes e alienar diversos saberes promovendo a notícia por meio a uma mídia sendo não educativa, realmente a missão do processo de ensino e aprendizagem torna se bem mais complicada é a luta de “Golias com Moises”, sendo a escola Moises e as diferentes formas de mídias tecnológicos sendo Golias, mais com muito planejamento e desempenho podemos pelo menos bobear esse Golias.

É importante ainda seguir critérios como de que para planejar a ação didática, é necessário avaliar o que as crianças já sabem e sobre como pensam sobre os temas em foco. Mudanças no modo de organizar o espaço escolar e as interações entre seus profissionais são, portanto, necessárias. O planejamento coletivo, o estudo sistemático são exigências claras hoje para a melhoria da educação brasileira.

Pois na escola vivemos a cada ano, mês, semana e momento um verdadeiro processo de adaptação, e no fazer pedagógico é assim, no planejamento é dado à oportunidade de sempre uma nova adaptação pelo fato de ele ser flexível.

A adaptação não é um processo que encerra. Ela permanece em contínua transformação, a partir da sucessão de eventos, da aquisição de novas habilidades da emergência dos significados ou da construção da relação entre as pessoas. O desenrolar desse processo carrega as características particulares de seus participantes podendo seguir caminhos inesperados e levar até a ruptura com a situação (FERREIRA, 2004. p. Revista Pátio Educação Infantil).

A autora fomenta neste pensar o sentido de uma adaptação voltada ao momento é importante assim ressaltar que quando se promove um planejamento onde contemple espaço para sempre uma nova adaptação em função o que a sociedade (aluno) traz consigo é de certa forma uma adaptação ao momento, a situação a um novo fato que por meio a aula aparece no diálogo do que se tem de informação trazida de casa, do meio, com isso a escola também garante um pressuposto de aprendizagem onde se valoriza o aprender junto ao saber adquirido por meio as informações que se dão na mídia.

Sugestões do que se pode fazer e o que pode acontecer durante uma aula onde os alunos são informados pela mídia na qual e atuante na comunidade sociedade que lhes rodeiam.

Falhas na interação:

A maneira de conduzir a relação entre alunos, interagir com eles é propor as atividades voltadas ao que estão entre eles em questão no momento o que estão comentando, o que estar a interessar a eles naquele momento.

Os estudantes não entendem as orientações:

Ao apresentar uma atividade, use exemplos e explicar de várias maneiras o que se deve ser feito, de maneira a chamar a atenção dos alunos, sempre no intuito de propiciar uma maior interação e verdadeira aprendizagem.

Os alunos só respondem quando tem certeza:

O professor deve incentivar a dar uma resposta também quando tiverem duvidas mesmo que essa conclusão esteja errada, pois alguns colegas também podem ter feito o mesmo raciocínio.

O que é possível antecipar:

Prever problemas que podem surgir durante a aula para preparar antes as intervenções ajuda o docente a se fortalecer durante a turma, é interessante que o docente esteja sempre ligado nos acontecimentos em que a mídia fornece para que assim possa se antecipar nos conteúdos ao surgir algo inusitado no decorrer da aplicação de determinada aula.

De que maneira agir diante do inesperado? O professor tem de dar conta do conteúdo e dos imprevistos em sala, mas tudo varia conforme as circunstâncias. Como nem sempre é possível antecipar as atitudes dos alunos.

Ainda é correto afirmar que a tecnologia por si só nunca funciona mais quando na escola inserida de forma a promover conhecimento é de grande valia e mais um benefício em favor do docente e coordenador que lutam nesse meio tempo por uma educação onde as redes sociais não possam influenciar mais que o que se tem a aprender na escola.

Ainda é importante salientar que a tecnologia por si só nunca funciona. Mas ela permite algo fundamental na escola do século XXI, a diversidade epistemológica. Antes, só tinha uma maneira de aprender ouvir o professor e estudar para a prova com as novas tecnologias, há outras portas de entrada para acessar o conhecimento em várias áreas do conhecimento. É muito importante que o coordenador junto ao docente busque a tecnologia para a melhoria de suas aulas por mais que escolas sejam pobres, carentes não tenham o suporte necessário é interessante que na sala se possa indagar, perguntar aos alunos o que eles entendem? O que gostam? Onde tem a informação por meio a tecnologia? Como eles gostariam que as aulas fossem passadas?

É importante que na escola a tecnologia seja usada para desenvolver formas radicalmente diferentes de aprender, e o melhor modo é investigando e resolvendo problemas reais. E não há melhor lugar para isso que a sala de aula, pois ela nos permite essa investigação, seja real no concreto sejam por meio a palavras, imagens apresentações teóricas baseadas nas tecnologias e todos os seus aparatos a fornecer uma educação de qualidade.

Porém para se concretizar uma aula movida a tecnologia com o pouco que as escolas públicas em suma maioria possuem é realmente desafiador, então há outra questão a ser pautada a valorização do professor também nesse critério pois é comum ainda em dias atuais lidarmos com docentes que nem mesmo o celular sabe mexer isso é fato torna ainda mais difícil inserir a tão sonhada tecnologia nas escolas para se aliar ao trabalho docente, são na verdade professores que não buscam se auto profissionalizar, qualificar, estão perdidos meio ao tempo passado e ainda estão no debate de que a educação não se pode acompanhar as variações tecnológicas.

Uma escola sem internet, sem computador não poderá formar o estudante para trabalhar nos anos adiantes, pois já temos tecnologia em todos os aspectos da vida. O contato com o computador, internet, mídia muda o jeito de pensar, privar os alunos de estarem inteirados no mundo digital é privá-las de uma forma mais sofisticada de pensar.(BLIKSTEIN, 2012. p. 19).

O autor retrata neste pensar o verdadeiro sentido o fazer tecnologia, que em meio ao mundo digital, informativo, deixar de levar essa informação na escola, em sala de aulas é o mesmo que continuar no vazio da educação é não garantir um futuro na sociedade moderna aos educandos, é priva-los de conhecimentos mútuos nos quais a tecnologia possa e fornece, pois por mais que não tenhamos em muitos casos não sabemos usa-las ela está a nossa volta em todos os sentidos faz parte do nosso dia a dia.

É importante levar a tecnologia para as escolas sim, porém mais importante é dar suporte a todo o corpo escolar, para que essa tenha realmente sentido significado e possa ser usada para garantir melhor aprendizado e não mais problemas frustrações a docentes e alunos.

A escola deve ser o espaço onde se efetuamos processos educativos com base nas relações interculturais. A interculturalidade deve ser vista no âmbito dos processos sociais; no nível individual “supõe pessoa entre as diversas influências culturais que a configuram.

Nesse meio tempo a escola ainda é na verdade uma instituição muito importante para à sociedade, que vive na busca constante de uma democracia mutua na qual só se pode ser adquirida na junção de parceiros estas que só podem ser realizados quando a família compreender que também são partes integrantes do processo escolar de seus filhos.

Por outro lado a escola precisa saber quem está ensinado, o que está ensinando e de que forma ensina, tudo isso constitui o currículo de uma escola, que é a coluna dorsal dos encaminhamentos educativos da instituição. (Revista Aprendizagem. Isabel Parolim. 2001.p. 09).

Seja se na escola houver uma educação onde oriente para o futuro em todos os seus pressupostos, onde a educação possa garantir um saber para o futuro certamente terremos um melhor quadro de saberes sociais, a escola precisa está amparada a propor educação renovada.

A escola conheça com quem está lidando pra assim melhor propor sua educação, ou seja, para melhor elaboração do fazer educacional, sabendo lidar com a família, sociedade, alunos o resultado é bem viável o que se diz escola e aprendizado. Além de a escola educar para a cidadania/ aprendizado/ formação

profissional tem a grande missão de buscar a família e inserida na escola. Promovendo meios viáveis a essa interação.

Temos que levar em consideração o grande complexo, dificuldade que a escola tem em regulamentar o que o aluno trás de casa, ou melhor, os alunos tendem a repetir na escola suas vivências familiares, e atualmente, as famílias tem apresentado nenhuma ou pouca referência à autoridade, ou seja, quem manda e quem obedece em casa, e na escola, tornando assim um desafio e dos grandes. Na legislação as relações estão bem estabelecidas, diretores e funcionários sabem que tipos de relacionamentos devem ter, porém as relações interpessoais são dinâmicas, e como crianças e jovens tendem a repetir o comportamento de casa/na escola.

4- METODOLOGIA

4.1 – Estrutura e Funcionamento do Centro de Ensino José Mota Amaral;

O Centro de Ensino José Mota Amaral está localizado à rua 1º de Maio no Bairro Nossa Senhora de Fátima no Município de Monção Maranhão, fruto do projeto Alvorada do Governo Federal foi fundada em 2008, iniciando seus trabalhos letivos no ano de 2009 atendendo alunos do Ensino Médio modalidade regular nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno com um quantitativo de 720 alunos possui uma estrutura física considerada adequada, exceto no item acessibilidade. Possui 06 salas de aula; 01 sala de professores; 01 biblioteca; 01 laboratório de informática; 01 laboratório de ciências; 04 banheiros com dependências; 01 quadra poliesportiva. Atualmente o quadro de servidores da escola está composta por 02 gestores, 01 geral e 01 adjunto, 01 coordenador Pedagógico; 15 servidores efetivos e 14 servidores contratados. A escola é no município referência na oferta de um Ensino Médio de qualidade graças à organização e responsabilidade refletida na estrutura física, no gerenciamento e nas práticas pedagógicas.

A escola elaborou em 2009 sua Proposta Pedagógica, a necessidade da elaboração se deu por conta da Urgência e da exigência em obter junto ao Conselho Estadual de Educação, o reconhecimento legal para funcionamento na modalidade regular em nível médio sob orientação da Unidade Regional de Educação de Santa Inês.

Embora tenha sido elaborada em caráter emergencial ela contou com a participação de toda a equipe docente formada pelos professores: A metodologia utilizada contou com exposição oral, visual e conceitual, debates e formação de grupos de trabalhos para construção e discussão dos elementos norteados e posterior solução das opiniões e registros.

A Escola no ano de 2015 e 2016 sofreu vários casos de assaltos e arrombamentos que deixaram-na completamente desprovidas de equipamentos e



ferramentas pedagógicas, o que vem dificultando muito o trabalho dos docentes e o gerenciamento escolar como um todo, sem contar inicialmente com a atenção devida por parte das entidades mantenedoras, teve suas atividades letivas suspensas logo no mês de fevereiro, ocasionando um déficit no aprendizado dos alunos, acordado conjuntamente com o colegiado escolar que seriam minuciosamente repostas nos dias de sábado e assim vem sendo feito.

Os dilemas enfrentados pela educação nos últimos anos não se restringem ao ensino médio, tampouco abrange apenas o Centro de Ensino José Mota Amaral, tais dilemas colocam em discussão a crise de legitimidade e até mesmo de identidade da escola, tudo isso são reflexos das constantes mudanças que afetam a sociedade como um todo. Cada vez que uma escola é severamente violada, saqueada nos questionamos qual é a visão que a sociedade do entorno tem dessa instituição? E o que esperam dela? Seja qual for a resposta utilizada para caracterizar o momento vivido pela instituição escolar e pela educação o que se constata é o distanciamento entre o que a sociedade espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer.

A situação parece se acirrar ainda mais especificamente no ensino médio que enfrenta desafios consideráveis como é o caso de nossa escola, o volume de acesso se ampliou sem que a escola estivesse de fato preparada tanto física quanto pedagogicamente para esse acesso e muito menos para uma boa permanência, a ampliação da obrigatoriedade e gratuidade desse nível de ensino, tem gerado uma mudança significativa do perfil dos jovens que chegam a ele, recebemos cada vez mais alunos marcados por um contexto desigual, com altos índices de pobreza e violência que se refletem no interior da instituição como ocorreu em nosso contexto onde alunos foram flagrados furtando objetos de uso coletivo da escola escondidos dentro de mochilas, o que além de entristecer nos levou a refletir sobre quais medidas deveriam ser tomadas para que esses casos não se tornassem práticas recorrentes, novos desafios a serem enfrentados por todos os pares.

A escola de Ensino Médio necessita redimensionar o seu papel, nessa nova dimensão necessita repensar a condição juvenil, analisando a heterogeneidade fortemente marcadas pelas condições sociais, traços de pobreza que os jovens do ensino médio trazem consigo e repensar uma nova dimensão que seja pautada nas novas culturas juvenis, tornando a escola espaços privilegiados de práticas, representações, símbolos e rituais nos quais os jovens Monçonenses com contexto

histórico tão fortemente marcados pelo descaso e falta de políticas públicas possam demarcar uma nova identidade juvenil.

A fase da juventude se constitui como um momento delicado de escolhas, de definições, no qual o jovem tende a se defrontar com perguntas como: “Para onde vou”?, “Qual rumo devo dar à minha vida”?, questões cruciais para o jovem de ensino médio que necessitam ser bem respondidas pela escola que para isso necessita estar bem preparada, necessita ter um Projeto Político Pedagógico que contemple essas inquietações vitais e que promova de fato um ensino de boa qualidade pois compreende-se que essa etapa da educação básica além de preparar filosoficamente o jovem para a vida em sociedade.

4.2 Dispositivos Legais que amparam a Organização da Escola

Nossas instituições de ensino pública a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) passou a ordenar-se sob um novo paradigma. A mudança interposta pela Lei produziu reflexos sobre todos os sistemas educacionais do país, que passaram a desde então por um processo novo de adequação, tão necessário para o atendimento de nossos alunos.

Esse processo implicou nos princípios da flexibilidade, autonomia e descentralização, delegando a escola a possibilidade e a responsabilidade de agir como protagonista da educação que quer ofertar à sua clientela, quando a lei em seu artigo 7º orienta que à escola cabe a tarefa de “elaborar e executar sua proposta pedagógica” (L.D.B.9394/96- BRASIL, 1996) coloca a escola nesse contexto como co-responsável direta pelo ensino que pretende ofertar e coloca ainda a sua disposição uma série de mecanismos legais inovadores que lhe permite maior adequação e flexibilização às novas exigências dos tempos atuais.

Nesse bojo dos mecanismos legais destacamos em síntese dois que são utilizados pelo Centro de Ensino José Mota Amaral no intuito de prover sua organização administrativa e pedagógica, que são a Proposta Pedagógica e o Regimento Escolar.

A proposta Pedagógica é sem dúvida o principal instrumento da autonomia da escola, devendo ser pensada por todos os envolvidos no contexto escolar, contemplar todas as etapas e níveis que a escola oferecer e devendo estar ainda respaldada pelo Regimento Escolar, o qual lhe confere embasamento legal.

A Proposta Pedagógica do Centro de Ensino José Mota Amaral foi elaborada em 2009, conforme exigência do Conselho Estadual de Educação para fins de reconhecimento legal da instituição, um processo rápido cuja elaboração também se deu de forma aligeirada pois o intuito e o tempo exigia um documento breve e objetivo.

Os elementos contemplados na Proposta pedagógica merecem destaque os aspectos filosóficos que aqui destacaremos:

Quadro 3 – Elementos da Proposta Pedagógica

Valores:
Igualdade – Tratamos com igualdade as diversidades culturais no ambiente escolar.
Valorização – Priorizamos e valorizamos as contribuições individuais e coletivas de nossos alunos e colaboradores.
Ética – Desempenhamos nossas atividades com ética, respeito e compromisso com a comunidade interna e externa.
Visão de Futuro:
Seremos uma escola de referência na comunidade desenvolvendo um trabalho de qualidade social pautado nos princípios da valorização ética aos nossos alunos pais e colaboradores.
Missão
Nossa missão é assegurar aos nossos alunos o mais alto grau de satisfação para a plena formação da cidadania, baseada nos princípios éticos, garantindo assim a sua inserção ao mundo do trabalho e a vida em sociedade.
Objetivos Estratégicos
Elevar o desempenho acadêmicos dos alunos;
Melhorar as práticas pedagógicas da escola;
Dinamizar o gerenciamento da escola;

Fonte: Proposta pedagógica do C.E.J. Amaral 2009

Além desses elementos o documento descreve ainda as Metodologias pensadas ao público jovem do Ensino Médio e assim de forma também breve e ampara sua prática na construção de competências e transposição didática de conhecimentos científicos e das práticas sociais que se convertem em conteúdos escolares e trazem as contribuições de Perrenoud (2000) para pautar o que

denominam de “caminhos metodológicos”, uma metodologia que implica um currículo integrado, a ideia de colaboração de estabelecimento de conexões, de transformações, de exploração de caminhos alternativos e de diálogo com outros projetos.

Há de destacar também a concepção de Avaliação proposta pela escola, que entende que a avaliação é um processo contínuo e sistemático de ações que objetiva coletar dados e fatos para emissão de um juízo de valor de determinados fenômenos e situações. Abordam a avaliação no contexto educacional onde se pode perceber que seu foco principal está voltado essencialmente para a aprendizagem do aluno como seu principal objetivo e acreditam ainda que esta deve estar em consonância com a concepção de currículo e das metodologias adotadas pela escola numa nítida evidência que ao pensarem numa concepção de avaliação a fazem de modo geral sem fragmentação, afirma que a “Excelência do Processo avaliativo estar em ser útil na informação que oferece, viável na realização de sua trajetória, ético em seu propósito e consequências, precisa na elaboração de seus instrumentos e no tratamento de seus dados”.

O Regimento Escolar se constitui como um dos dispositivos legais de construção da autonomia da escola de fundamental importância, pois ele é um documento da maior importância, pois enquanto normatiza as intenções, o planejamento e as ações de cada escola, também estabelece suas regras de funcionamento, delimita os níveis de competência para os recursos humanos que nela atuam, ele clarifica direitos e deveres de professores, alunos e direção, enfim ele dá à escola a sustentação organizacional indispensável para o bom andamento de cada instituição escolar.

Sendo o Regimento Escolar o documento que regula o processo do trabalho pedagógico na escola, é inegável que este deve ser utilizado não só como um instrumento de repressão mais como um bom instrumento pedagógico, propiciando sensibilização e conscientização dos diferentes atores quanto ao papel que cada um desempenha no processo educativo. Além disso há de se considerar que o conhecimento sobre “o que é” e “quais são os objetivos do Regimento Escolar” tende a contribuir para a formação de sujeitos mais reflexivos que compreendam que a escola é uma instituição e que como toda instituição possui normas e regras a serem construídas coletivamente mas ainda que deverão ser cumpridas por todos os

envolvidos no processo, contribuindo assim para o exercício da cidadania, trazendo benefícios para as escolas da rede pública.

O Regimento da Escola José Mota Amaral foi elaborado em 2013 e se constitui em documento bem elaborado, com capítulos e artigos que pensam a organização administrativa, os órgãos de colegiado e suas representatividades, bem como delimita especificamente as funções de cada sujeito dentro da instituição, ao todo são VI Capítulos meticulosamente definidos que merecem reconhecimento pelo trabalho de organização.

O item que aqui destacaremos está voltado para o foco de nosso estudo que é como a escola administra o uso do dispositivo móvel o celular em seu interior, contemplado no Capítulo III –

Do pessoal Discente, Seção III.

Das proibições dos alunos, Art. 73º - É vedado aos alunos, item: d) Usar durante as aulas objetos que prejudiquem o bom andamento das atividades escolares como: Celulares, estojo de maquiagem, espelho, armas brancas (tesouras, estiletes, facas e outros). Item I: Ouvir músicas nos corredores da escola, salvo com fone de ouvido nos momentos de intervalos e horários vagos. (REGIMENTO INTERNO ESCOLA JOSÉ MOTA AMARAL, 2016).

As penalidades para os infratores estão assim contempladas;

Capítulo II

Das Penalidades do Corpo Discente

Art. 75º - Os alunos que cometerem infrações disciplinares estarão sujeitos às diversas formas de penalidades aqui descritas:

- a) Aconselhamento pelo professor
- b) Encaminhamento à diretoria
- c) Repreensão oral e escrita pelo Diretor;
- d) Suspensão das atividades escolares por 05 (cinco) dias no máximo, sendo que seu retorno será acompanhado com os pais ou responsáveis;
- e) Ressarcir prejuízos causados;
- f) Expulsão em casos graves

Parágrafo 1º - A suspensão não implicará na obrigatoriedade da apresentação dos trabalhos, determinados pelos professores.

Parágrafo 2º - Aos alunos será dado amplo direito de defesa. (REGIMENTO INTERNO ESCOLA JOSÉ MOTA AMARAL, 2016).

Ao analisarmos o regimento da escola percebemos que a escola deve ser transparente no que diz respeito a toda a sua funcionalidade, princípios e concepções e o regimento cumpre de fato esse papel, na medida em que sua elaboração contou com a ajuda de todos os pares, há clareza nas decisões e torna explícita a todas as decisões da instituição de ensino.

O Regimento Escolar é portanto, o instrumento onde ficam definidas linhas gerais e diretrizes orientadoras para que cada professor e todos os demais segmentos da escola saibam que rumos seguir e quais caminhos trilhar, nesse importante

caminho que rege o ato de ensinar e aprender, se consolida como um importante instrumento organizador do processo coletivo da referida instituição.

É de fato um instrumento norteador de um trabalho – dialógico, resultado de esforços coletivos que culminaram e tornaram-no importante instrumento de gerenciamento e organização pedagógico administrativo.

Com todo o zelo e organização o Regimento Escolar do C. E. M. José Mota Amaral hoje se apresenta como instrumento de democratização e construtor de uma autonomia, tão discutida e tão necessária para a escola que se propões construir nesse novo século da educação brasileira.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Esse item tem como objetivo apresentar as análises e discussões dos dados da pesquisa. Inicialmente serão analisados os dados referentes às visões e concepções dos docentes que atuam no Centro de Ensino José Mota Amaral, por compreender que a análise das opiniões desse público é necessário para que possamos analisar com mais profundidade como o uso do dispositivo móvel interfere positivo ou negativamente no processo de ensino e aprendizagem.

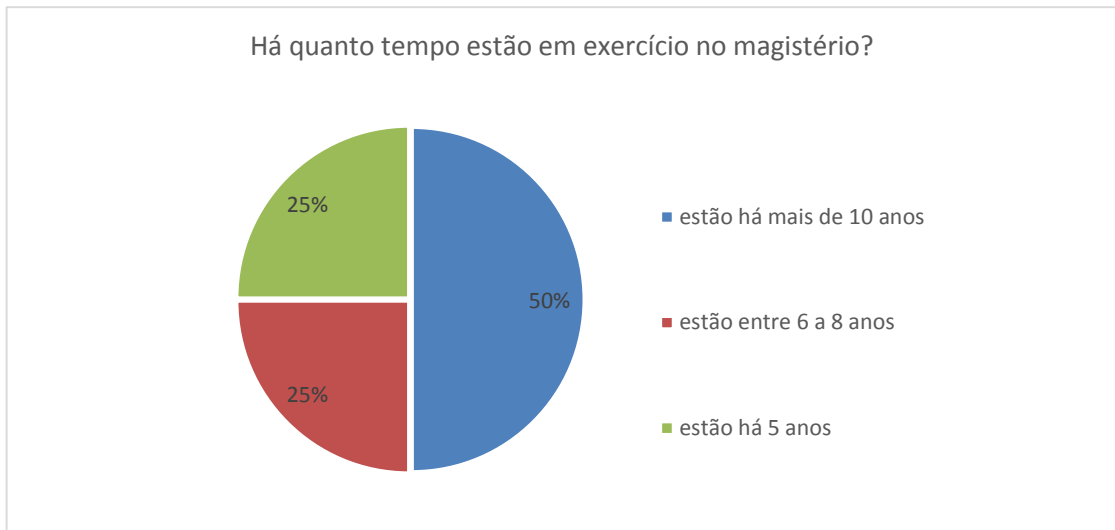
5.1 Equipe Docente e o desafio do uso do celular

As melhores condições tanto para o ensino quanto para a aprendizagem são proporcionadas quando os professores estão engajados em pesquisa teórica ou aplicada. Ao pesquisar investigador se aproxima da realidade, conhece mais os sujeitos envolvidos no universo de sua pesquisa, nessa aproximação constrói um conhecimento mútuo, pois na medida em que ele conhece o sujeito de sua pesquisa novos olhares são lançados e passa-se a respeitá-lo.

Conforme Gil (2002) pesquisar é utilizar de disciplina e método na busca de conhecimento através do próprio conhecimento e organizar dados e informações obtidas como forma de solução que vise desmistificar conceitos previamente estabelecidos e lançar olhares novos ao objeto do estudo conforme falado anteriormente.

A pesquisa deve ser desenvolvida mediante seleção dos conhecimentos disponíveis e a utilização adequada de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos (GIL, 2002). Os caminhos que asseguram a veracidade e a eficácia da pesquisa é basicamente norteado pela Metodologia Científica.

Para qualificar ainda mais nossa pesquisa buscamos ouvir os professores que atuam no Centro de Ensino José Mota Amaral, a ferramenta de pesquisa utilizada foi o questionário com perguntas que versaram sobre itens que foram desde itens pessoais até questões pedagógicas ligadas ao uso do celular.



Fonte: Escola José Mota Amaral, 2016.

Gráfico 1

Inicialmente buscamos saber a formação acadêmica pois acreditamos ser ela relevante para nossa pesquisa, pois a formação acadêmica possibilita ao professor inicialmente mais conhecimentos e posteriormente um melhor desenvolvimento no aprendizado dos educandos, professor que perpassa pelas formações iniciais e continuada estará melhor preparado para atuar e lidar com as adversidades que o exercício da profissão lhe interpõe com base nesse perspectivas buscamos conhecer e avaliar a formação acadêmica dos docentes da instituição alvo de nossa pesquisa e as respostas foram as seguintes:

Do quantitativo de 25 professores, 06 são graduados em letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Estrangeira.

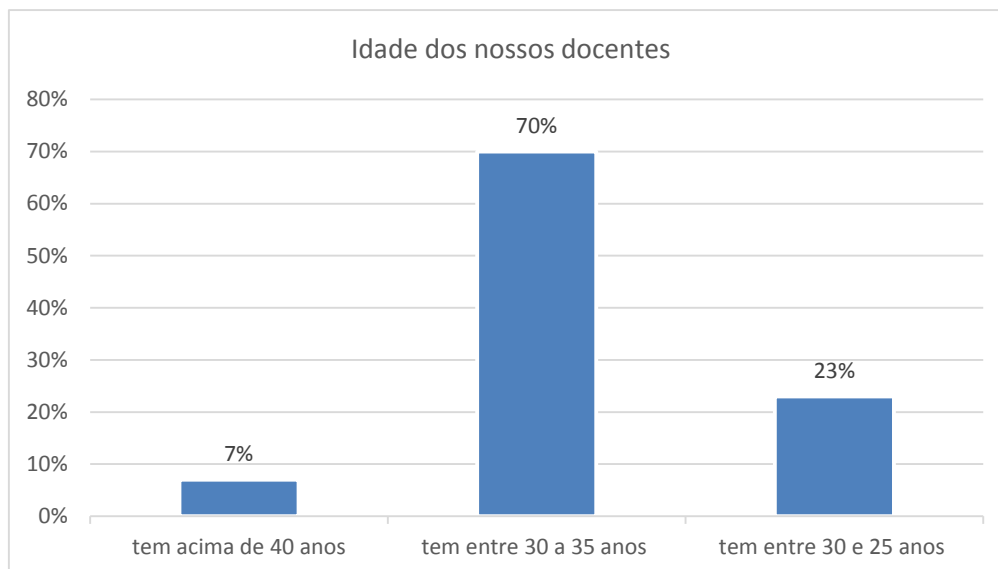
06 são graduados em Ciências com habilitação em Matemática, Química e Física.

02 são graduados em Geografia

02 são graduados em História

03 são graduados em Educação Física

02 são graduados em Ciências Sociais



Fonte: Escola José Mota Amaral, 2016.

Gráfico 2

De acordo com a tabulação dos dados obtidos no gráfico 01, percebe-se que dos docentes entrevistados 50% destes estão há mais de 10 anos em exercício no magistério, demonstrando experiência profissional e maturidade docente.

Outro fato a ser observado também é que 25% dos docentes ingressaram a pouco menos de 5 anos no magistério, vale ressaltar que destes alguns ingressaram em concurso recente realizado pela Secretaria de Estado da Educação.

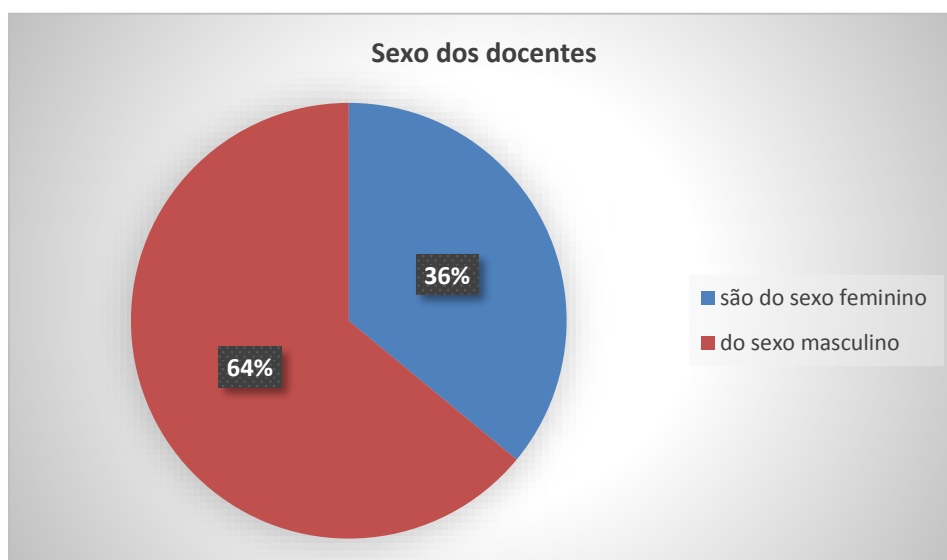
A experiência docente é essencial para o desenvolvimento de sua função com mais êxito, quanto mais experiência melhor será desenvolvida sua prática pedagógica, a importância do professor enquanto agente de mudança perpassa inicialmente por dois campos, o primeiro deles os saberes, aqui definidos como área de formação acadêmica e o segundo pelo tempo de experiência em sala de aula, dois elementos considerados essenciais para as mudanças que a educação do século XXI interpõe.

Os saberes docentes destacados como formação expressa a crença, concepção e atitudes que os docentes desenvolvem ao longo de sua carreira docente concebidos a partir de sua formação acadêmica e necessários ao seu fazer pedagógico.

Ao analisarmos os dados tabulados no gráfico 02 percebemos que a faixa etária dos nossos docentes em sua grande maioria 70% estão na faixa etária dos 30 aos 35 anos, evidenciando a maturidade profissional e a idade cronológica elementos essenciais para um bom desempenho profissional.

Ao tabularmos esse gráfico analisamos que nessa instituição os homens predominam, as mulheres são minorias nesse universo compreendendo 36% da equipe docente, contra 64% de homens que estão em exercício no magistério nessa instituição.

Esse item da pesquisa demonstra que o universo da sala de aula ainda está dominado por homens apesar das mulheres terem ocupado boa parte das vagas de magistério no Brasil ainda há uma predominância masculina no mercado de atuação, em específico no Centro de Ensino aqui pesquisado.



Fonte: Escola José Mota Amaral, 2016.

Gráfico 3

A matéria que lecionam atualmente são assim distribuídas:

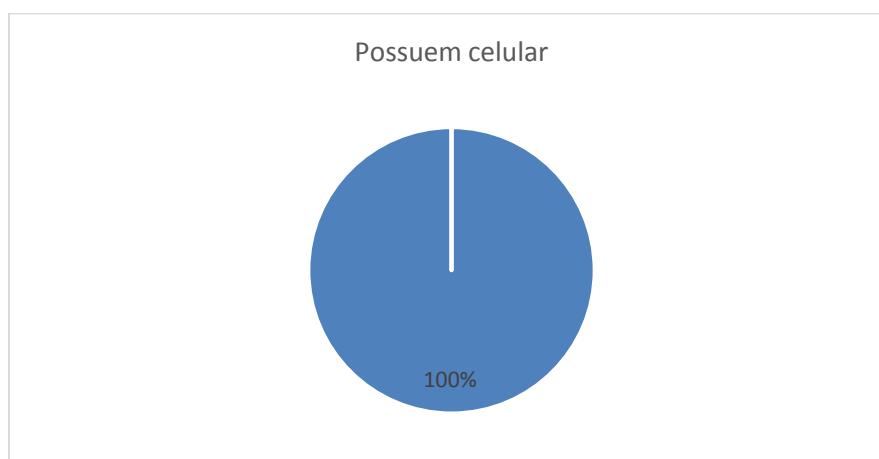
Língua Portuguesa	07 Professores
Matemática	06 professores
Física	03 Professores
Geografia	03 Professores
História	02 Professores
Artes	02 Professores
Filosofia	03 Professores
Educação Física	02 Professores
Sociologia	02 Professores

Espanhol	01 Professor
Inglês	02 Professores
Química	02 Professores

Vale ressaltar que alguns destes são lotados 40h e lecionam disciplinas diferentes para completar sua carga horária, portanto havendo repetições de disciplinas em turnos diferentes.

Ainda prevalece em nossos sistemas de ensino o modelo antigo de aprendizagem no qual existe a informação dada pelo professor e a assimilação pelo aluno. A aprendizagem escolar depende de uma interação complexa entre alunos, professores, conteúdos, tarefas e do próprio contexto educacional em que estão inseridos.

No mundo atual moderno em que as tecnologias imperam nas mais diversas nuances, o professor não é mais o provedor sozinho e isolado de conhecimentos, agora ele atua mais como mediador da aprendizagem. Conduzir os alunos a indagações constantes, construindo seu próprio aprendizado se constitui em novos desafios para o professor do século XXI.

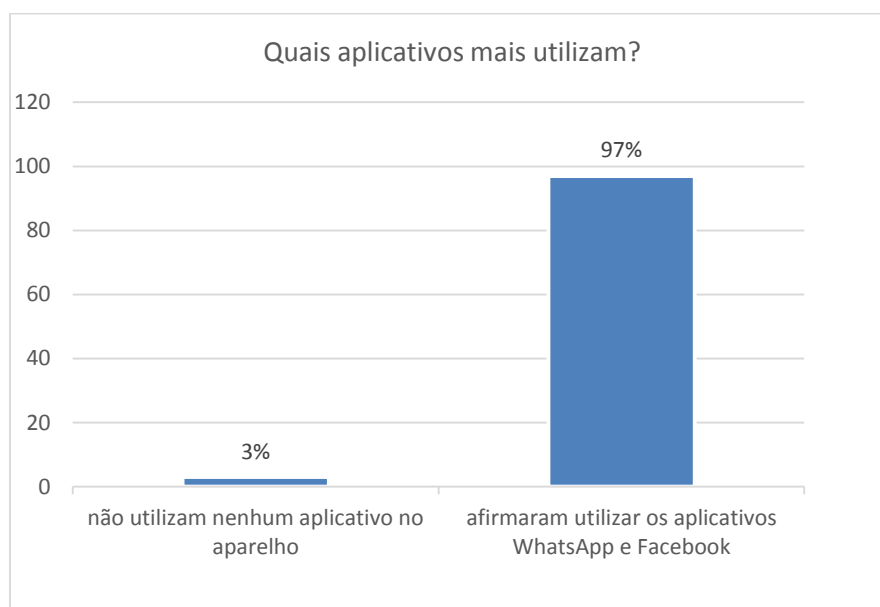


Fonte: Pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico 4

De acordo com a tabulação dos dados obtidos no gráfico 04, 100% dos professores entrevistados possuem aparelho celular. O que demonstra que cada vez mais os aparelhos celulares estão à disposição de todos, pais, professores e alunos, atividades como mandar mensagens, interagir por meio de redes sociais, uso de

aplicativos de bancos, blocos de notas, fazer fotos, vídeos e pesquisas são recursos mais utilizados pelos profissionais da escola.



Fonte: Pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico 5

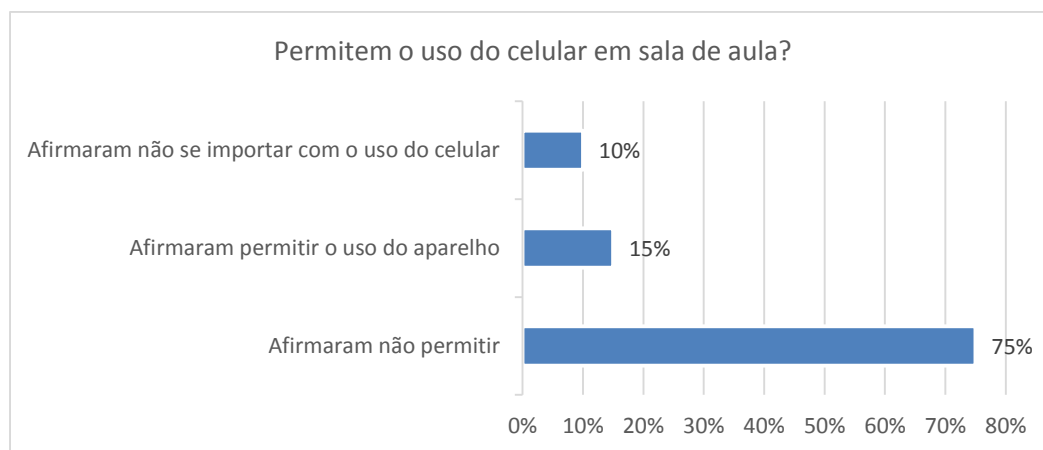
Ao tabularmos os dados obtidos no gráfico 05, constatamos que em sua grande maioria dos docentes entrevistados 97%, afirmam utilizar em seus aparelhos celulares os aplicativos para uso de redes sociais contrapondo-se a um quantitativo inferior que afirmam possuir aparelho celular mas que não utilizam nenhum aplicativo nos mesmos.

Ao fazermos uma análise dessa pergunta nos reportamos ao que DEMO (2002) traz como discussão pois segundo ele já que os chamados “nativos digitais” aprendem hoje de forma diferente, a partir de diversos estímulos simultaneamente, cabe aos educadores se adaptarem a essas características e adequarem suas estratégias de ensino para apoiarem os jovens em seu caminho de desenvolvimento de aprendizagem.

O professor é o primeiro ator no cenário educacional que deve mudar sua forma de pensar e de agir na educação, pois existe uma grande tendência de repetição em sala de aula dos modelos que funcionaram na aprendizagem destes por muito tempo.

O uso de dispositivos moveis por parte dos professores, bem como o uso de aplicativos modernos reforça a ideia de que o professor precisa ser um pesquisador

permanente que busca novas formas de ensinar e apoiar os alunos em seu processo de aprendizagem e que precisa estar antenado às novas tecnologias para que não seja considerado um ultrapassado ou um analfabeto tecnológico.



Fonte: Pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico 6

Analisando os dados obtidos através da tabulação do gráfico 06 encontramos um universo bastante dividido entre os docentes, a grande maioria dos nossos docentes afirmaram não permitir o uso do aparelho dispositivo móvel em sala de aula, um quantitativo um pouco menor afirmaram permitir sim o uso mas ressaltam que para fins escolares, pesquisas direcionadas e ou atividades referenciadas pelo conteúdo que está sendo trabalhado e deste 10% Afirmaram não se importar com o uso do celular acreditando que os jovens do Ensino Médio já possuem maturidade o suficiente para discernir entre o uso do aparelho, isentando-se da responsabilidade de proibir ou liberar deixando a cargo do aluno essa tarefa de discernimento.

O Professor “X” de física se diz “contrário a proibição, acredita que ao invés de proibir a escola deveria encontrar estratégias para melhor utilizar a ferramenta a favor da aprendizagem”.

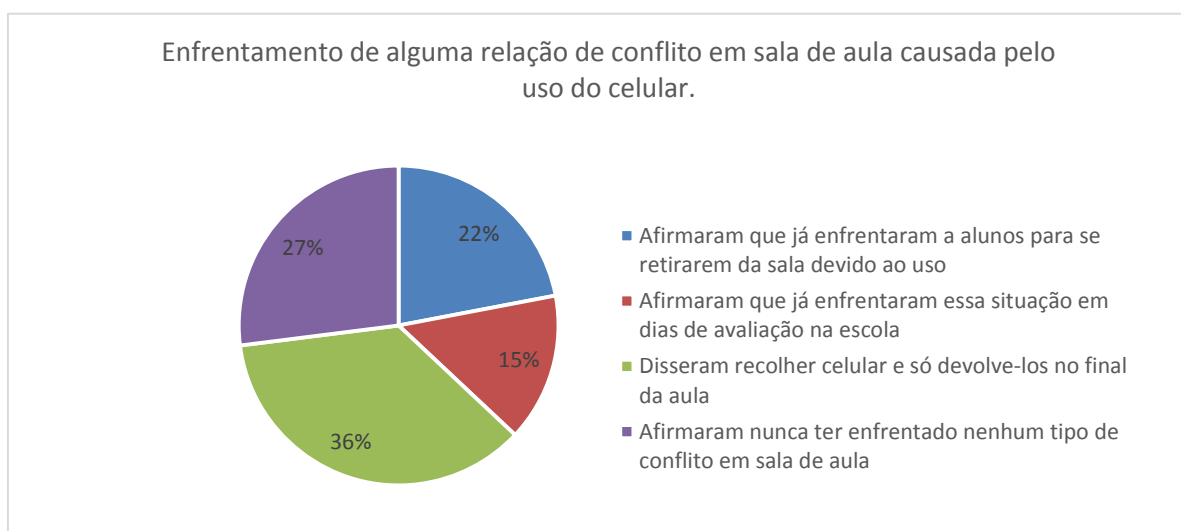
Já o Professor “B” se mostrou um pouco mais radical e acredita que o uso do celular deveria ser estritamente proibido, que o aluno deveria até tirar a bateria do mesmo ao entrar em sala de aula, pois ele tem demonstrado que atrapalha, tira o foco da aprendizagem e dificulta o processo de ensinar e aprender.

O Professor “A” que atua na área das Ciências Sociais, acredita que o problema está em saber motivar os alunos para o bom uso e afirma “Será que

proibindo o celular conseguirei tornar minha aula mais atrativa e significativa para meus alunos”

Percebe-se que as opiniões se mostram bastante contrárias, entre defender ou proibir o uso há barreiras que precisam ser rompida cotidianamente, essas barreiras perpassam pela visão que se tem da importância do aparelho e do uso pedagógico desse dispositivo móvel. Acreditamos que somente quando houver uma sensibilização e um processo de conscientização mais profundo, seremos capazes de enfrentar esse duelo entre proibir ou liberar. Para Sérgio Amadeu (2009) pesquisador da Comunicação Mediada por Computador afirma que não tem sentido você proibir que os estudantes tenham acesso a um meio de comunicação que cada vez mais vai adquirir importância na sociedade. Segundo ele se a escola enfrenta problemas com o uso indevido ali sim é um bom lugar para ensinar como as pessoas devem se portar com o uso desse dispositivo. Ressalta ainda que se existem algumas coisas ruins como o uso de joguinhos em sala de aula e acrescentamos aqui o uso de redes sociais também, fazer ou atender ligações, requer por parte da escola e do aluno posturas coerentes, segundo ele “Se é impossível ensinar um comportamento de uso de celular a um estudante, o que será possível?”

Definitivamente, o que mais se faz em nossas escolas de acordo com as legislações em vigor é proibir, demonstrando que se não sabe lidar com a situação livre-se dela e é aí onde reside o erro da escola, rejeitar tudo aquilo com a qual ela não sabe lidar.



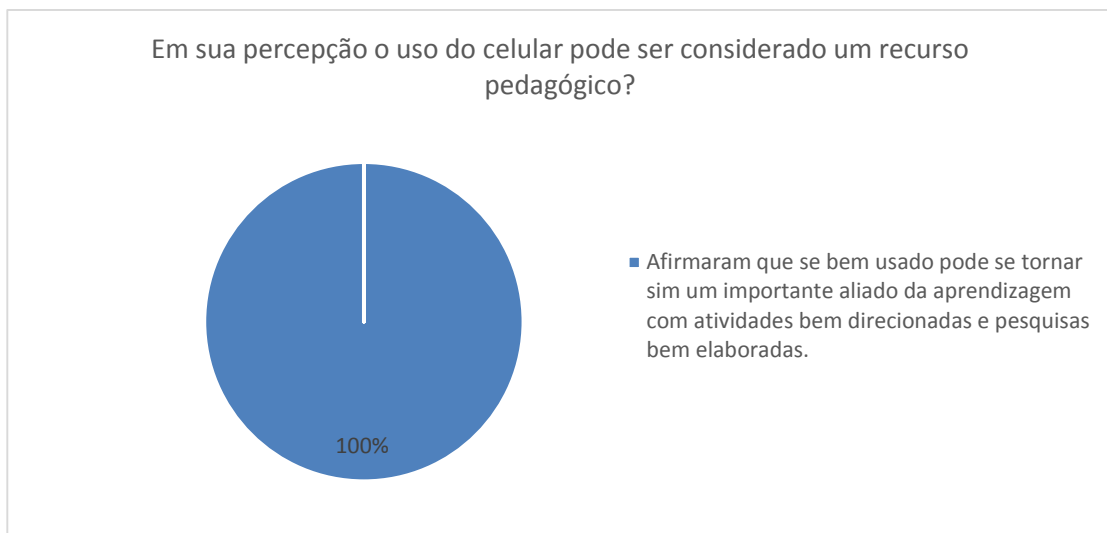
Fonte: Pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 07

O enfrentamento de relações conflituosas ocasionadas pelo uso do celular, pode ser analisado nos dados obtidos no gráfico acima que reforça a ideia que o recolhimento do celular ainda é uma prática presente na grande maioria das escolas brasileiras, essa postura é considerada a menos agravante entre professores e alunos.

Os professores que convivem mais de perto com esse dispositivo e vivenciam cotidianamente situações de conflitos devido ao uso excessivo do celular, tende a ir aos poucos adotando posturas muitas vezes não tão esperada tanto por parte dos alunos quanto por parte da gestão se proíbe enfrenta resistência e até antipatia dos alunos, se flexiona o uso é visto pela gestão de algumas unidades de ensino como relapso ou alguém que não colabora com a organização regimental da escola.

As opiniões são as mais variadas, mas o certo é que a maioria já enfrentou uma situação conflituosa em sala de aula com alunos, o uso do celular é muito complicado, embora compreenda e saibam da proibição do uso, muitos teimam em infringir as normas e regras pré-estabelecidas gerando conflitos que nos remete ao pensamento de Santos (1995, p.20) onde afirma que “o desempenho do professor é grandemente dependente de modelos de ensino internalizados ao longo de sua vida como estudante em contato estreito com professores”, compreendemos que para o professor é sempre mais confortável reproduzir o modelo de educação que funcionou com ele durante sua vida acadêmica do que perceber que os tempos mudaram e que o aluno de hoje possui muitas características que se diferem dos alunos de antes.



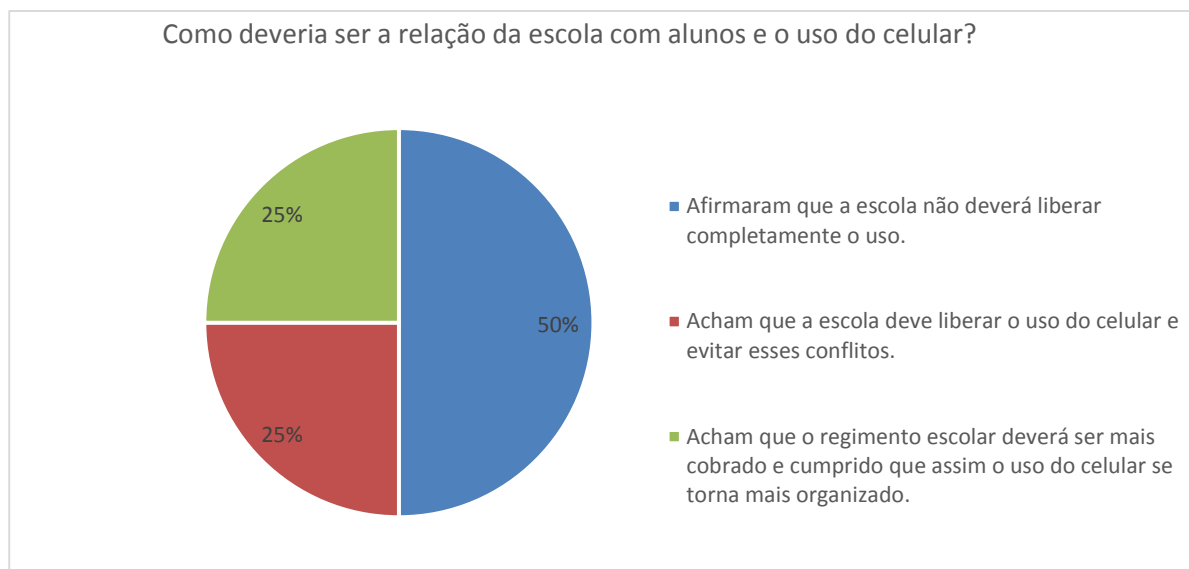
Fonte: Pesquisa realizada no C.E. J. Amaral

Gráfico: 08

A unanimidade dos professores em responder que o celular pode ser sim um recurso pedagógico, reforça a ideia de que o professor precisa praticar os conceitos aprendidos em sua formação inicial e continuada, nessa prática necessita verificar a viabilidade de utilização dos mesmos e se as estratégias utilizadas com os alunos produzirão aprendizagens significativas, nesse contexto os recursos digitais dentre eles o celular também pode ser considerado objeto de aprendizagem, deve servir como apoio a prática do professor preocupado em motivar seus alunos para novos aprendizados.

É perceptível que a utilização do celular pode ser considerada sim um facilitador do aprendizado dos alunos, ao lhe propiciar práticas diferentes de aprendizado, ele se incorpora ao bojo dos aparatos tecnológicos que o aluno dispõe hoje para incrementar seu aprendizado. Pois as tecnologias digitais são, sem dúvida recursos mais próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer aproximam cada vez mais o aluno do seu pensar e do seu aprender.

No plano educativo, as novas tecnologias constituem um poderoso meio para a instauração de nova organização do processo de ensinar e possibilitam superar práticas pedagógicas fragmentadas e estabelecer múltiplas e simultâneas relações intra e extra – escolares.



Fonte: Pesquisa realizada no C.E. J. Amaral

Gráfico: 09

Conforme a amostragem dos dados do gráfico 09 em sua grande maioria dos professores não são favoráveis a liberação completa do uso celular em sala de aula, os demais demonstram-se bastante divididos entre liberar e fazer cumprir as normas estabelecidas no Regimento Escolar.

O ato de liberar ou proibir traz à tona a discussão de uma realidade pungente em nossas escolas os alunos chamados de “Nativos digitais” aprenderam a viver com tecnologia, avistam diante de si dois mundos, o chamado mundo “físico” e o chamado mundo “virtual”, aceitam a tecnologia sem medo, tem experiências tecnológicas e trazem essas vivências para dentro da escola que muitas vezes não está plenamente preparada para acolher esse público, num conservadorismo que se difere da ideia de escola como espaço privilegiado para promover o conhecimento e a cidadania por meio das mídias e da chamada alfabetização midiática. O dilema liberar ou proibir o uso do celular na escola requer que o professor repense as suas resistências ideológicas e se atente às mudanças e às novas práticas pedagógicas que os novos tempos exigem.

5.2 A Gestão da Escola e sua relação com o uso do celular.

Atualmente o Centro de Ensino José Mota Amaral conta com 1 gestora geral, visto que a gestora adjunta está temporariamente licenciada.

Atuando no cargo há 02 anos a gestora Florisbela, vem demonstrando muita competência profissional, prima muito pela organização e pelo bom funcionamento da instituição escolar. Como assumiu o cargo em 2015 já encontra na

escola o regimento escolar que organiza e dá legitimidade aos trabalhos em seu interior, principalmente quando se refere ao uso do celular na escola.

Nossa pesquisa objetivou ouvi-la, e a ferramenta de pesquisa utilizada foi a entrevista gravada em áudio, face a demanda de afazeres que o gerenciamento lhe impõe, e respeitando sua jornada de trabalho e as implicações que sua função demanda optamos por assim fazer facilitando a todos.

O perfil a seguir descrito, descreverá uma profissional com grande competência e comprometimento com a gestão de sua escola.

Formada em letras, pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura e também em gestão escolar.

Há 2 anos está atuando na gestão da escola, possui 37 anos de idade, destes 20 estão dedicados ao exercício do magistério.

Ao ser questionado se possui aparelho celular e qual uso faz do mesmo a gestora responde:

“Eu tenho aparelho celular, utilizo whatsApp, bloco de notas, aplicativos de banco, facebook e e-mail.

Percebe-se aqui que a gestora compreende a necessidade do uso do aparelho celular e as inúmeras possibilidades de uso que os aplicativos modernos lhe proporciona, facilitando sua vida cotidiana, e equacionando o problema de tempo que a função gestora demanda.

Indagamos sobre se a escola permite o uso do celular ao que ela respondeu de forma enfática que “Não, não permitimos, mas os alunos usam constante.”

Sua fala evidencia que, embora a escola ainda não esteja preparada para lidar com o uso da ferramenta no dilema entre liberar ou proibir os alunos usam costumeiramente, transgredindo normas da instituição.

Perguntamos a ela quais são os mecanismos legais que a escola possui para regulamentar o uso do celular? Quando foi criado? Quem participou da elaboração? A gestora respondeu que a escola possui o regimento interno da escola, que quando assumiu a direção da escola já o encontrou como o que ela denominou de “Lei da Escola” já estava legalizado, mas considera que nunca foi aplicado 100%, alguns itens foram postos em ampla discussão com professores, pais de alunos, lido e aprovado por todos foi apresentado ao Ministério Público que na pessoa do promotor também deu valiosas contribuições, o que ela considera como “A lei que rege a escola” compreende a inviabilidade de algumas coisas serem religiosamente cumpridas como

lá estão postas e considera que o uso do celular é o que ela domina de “entrave muito grande vivenciado aqui na escola” e que não conseguiu fazer com que o Regimento Escolar fosse legalmente cumprido nesse item.

Considerando o regimento escolar não só como um documento normativo e regulador e sim como um eixo norteador da organização administrativa e pedagógica, a angústia da gestora em perceber que o regimento não tem força para limitar e/ou organizar o uso do celular na escola demonstra que a escola não consegue administrar o que ela chamou anteriormente de “entrave” e que os alunos ainda não incorporam as regras aprovadas no regimento no tocante ao uso do celular essencialmente, uma vez que os outros elementos também proibidos não enfrentou tanta resistência ou insistência de uso como é o caso do celular o que nos leva a refletir o “porquê” de tamanha resistência, seria inicialmente ela dependência e necessidade do uso ou simplesmente rebeldia mesmo.

Perguntamos ainda se ela já havia enfrentado alguma relação de conflito na escola, ocasionada pelo uso do celular? Ela respondeu categoricamente que “Já, várias, nós fizemos reunião com professores e acordamos que o aluno não iria utilizar o celular, não viria trazê-lo para a escola acordamos com professores e pais e começamos a trazer já passamos a receber celulares, colocar etiquetas identificadoras e só entregar quando os pais vem buscar, não funcionou, já fizemos o acordo com o professor para o mesmo receber o aparelho na sala e devolver depois da aula e não funcionou e ultimamente o aluno esta abertamente usando o celular na escola, hoje mesmo esteve em duas salas, uma do 2º e 3º ano e constatei o professor dando aula e o aluno quase que na primeira fila fazendo uso do celular, durante toda a aula do professor.”

Compreendendo as inquietações da gestora em não conseguir barrar o uso do celular na sua escola, quis saber dela se o celular pode ser considerado um recurso pedagógico aliado da aprendizagem? Ela respondeu que em alguns momentos sim e citou como exemplo as aulas de Química, física e até mesmo matemática o uso da calculadora no celular, que alguns professores utilizam metodologia de trabalhos de grupos, solicitou pesquisas e como o laboratório de informática da escola, não está funcionando e não atende a demanda da escola pois suporta apenas 20 alunos e às vezes o professor autoriza o uso do aparelho para pesquisa de caráter pedagógico e ocorre que o aluno se desvia do objetivo da pesquisa e vai para as redes sociais. Ela considera que o que está faltando é o aluno ter a consciência do “momento de usar o

aparelho, de respeitar o professor, de atender à solicitação do professor” isso que segundo ela não está tendo dentro da escola, mas considera que a ferramenta é boa e que pode ser bem aproveitada não resta dúvida por sua parte e descreve experiência sua como professora de Língua Portuguesa em que utilizou o aparelho em abreviações, com fonemas e que o constante uso das redes sociais e suas simbologias.

Considera que a pesquisa é importante, o ruim é o mal uso que se fazem do aparelho celular. Finalmente pergunto a ela sobre como deveria ser a relação da escola com os alunos que usam o celular no interior da mesma?

Respondeu que: “Não sei mais nem como lidar, como estabelecer essa relação, já tentamos aplicar o regimento, já tentamos suspensão, já recebemos aparelho, a relação maior que pode ter é o diálogo e esse diálogo tem que partir só por parte da direção”, a escola teve deficiência com os profissionais que a ajudou nessa empreitada, os alunos saíam da sala para acessar e às vezes acessar até mesmo em sala de aula.

Finaliza sua fala dizendo que esse problema não se resolverá com repressão ou dureza, umas acredita que só resolvemos com o diálogo, entre todos principalmente entre as famílias que segundo ela não veem ao estabelecimento saber de seus filhos, e alega também que alguns professores parecem não “estar nem aí” para o uso do celular e afirma finalmente a importância do diálogo como possível solução para esse impasse.

Há de se concordar com o pensamento da Gestora Florisbela, quando esta aponta o diálogo como alternativa de superação e mudança, a escola se apresenta no cenário como a instituição onde somente com o diálogo, com a efetiva participação e envolvimento de todos é possível se construir uma gestão democrática e participativa que supere as barreiras do autoritarismo, nessa perspectiva ela se configura como imprescindível à sociedade contemporânea ao se possibilitar abrir-se à conversa, ao novo, romper com os paradigmas da repressão, do autoritarismo com relação essencialmente ao uso do dispositivo da atualidade, compreender que a sociedade está mudando de forma tão rápida e a escola não pode jamais esperar muito, ou mesmo não permitir que essas mudanças façam parte de sua realidade.

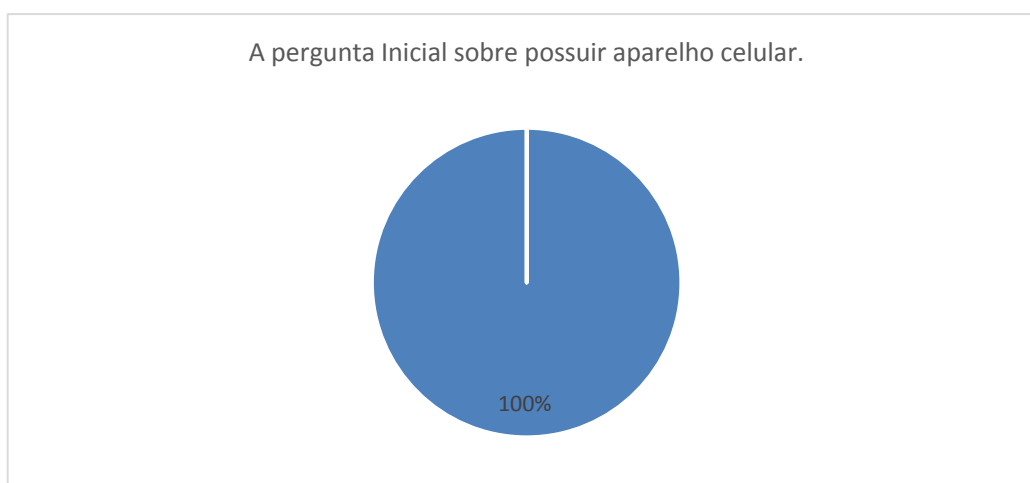
Ao considerar o potencial e a importância dos meios de comunicação e de informação como é o caso do celular, não se pode deixar de reconhecer seu significado para o campo da educação como veículo de interação capaz de ampliar a

comunicação e a divulgação de informações, bem como de possibilitar a mobilização e a realização de ações conjuntas envolvendo sujeitos diferenciados que compõem o universo escolar, constituindo-se redes de comunicação, democratizando o acesso à educação e a permanência nela desses sujeitos tecnológicos que buscam na escola sua formação acadêmica e cidadã.

5.3 – As percepções do aluno à cerca do uso do celular.

A pesquisa envolvendo os discente do Centro de Ensino José Mota Amaral, se deu nos turnos matutino e noturno nos quais atuou.

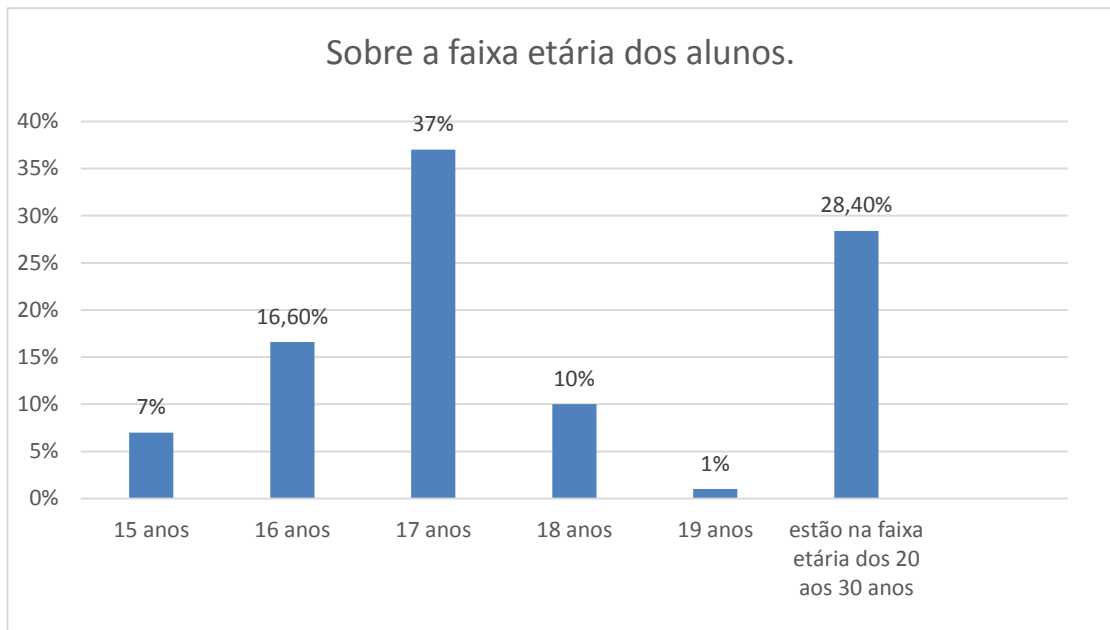
O instrumento de coleta de dados se deu por meio de questionário com perguntas e num total de 10 questões envolvendo aspectos que objetivaram caracterizar o aluno bem como analisar sua relação com o dispositivo móvel alvo de nosso estudo.



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 10

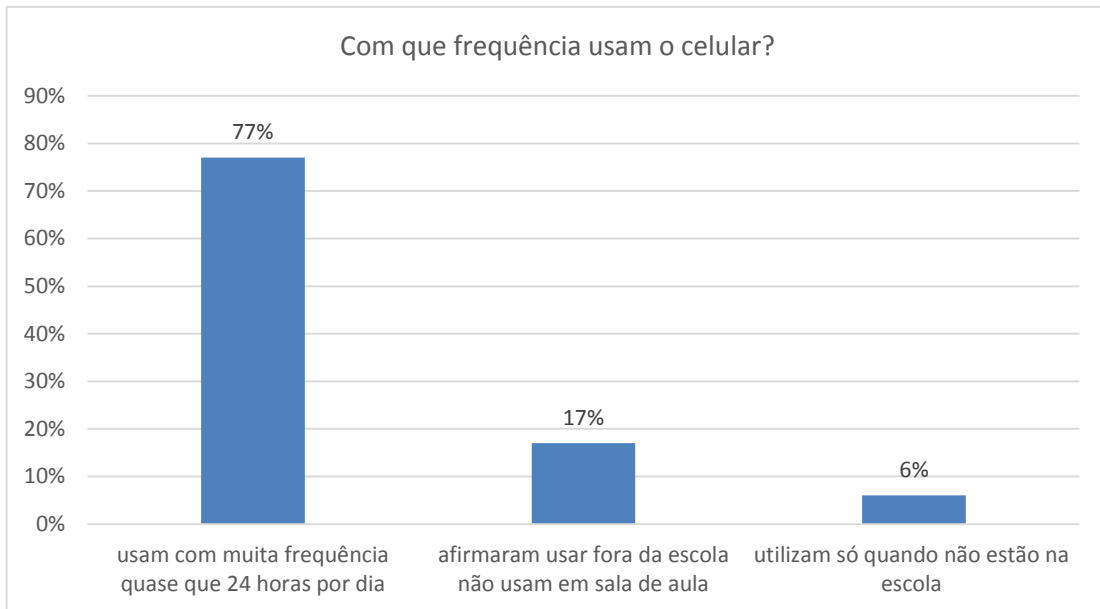
De acordo com o gráfico 10, 100% dos alunos entrevistados afirmam possuir aparelho de celular, reforçando a ideia discutida anteriormente de que o celular tornou-se um item indispensável na vida do homem do século XXI, sua dependência do uso do dispositivo é quase que vital, às vezes os jovens saem de casa sem nenhum tipo de documentação de identificação por exemplo, mas não saem sem o aparelho celular, pois acredita que a necessidade dele em sua vida seja maior que qualquer outro item também considerado indispensável.



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 11

Ao analisarmos a faixa etária dos usuários do celular demonstrados no gráfico de nº 11 na escola, percebemos que a incidência do seu uso convergem mais para os jovens de 15 a 18 anos, onde 37% dos usuários estão na faixa etária dos 17 anos e sua grande maioria nas turmas de 1º e 2º ano do ensino médio reforçando o termo discutido anteriormente que os nomeia como “nativos digitais”, referindo-se a uma geração que se apropria mais cedo desses dispositivos habituando-se a todos os meios tecnológicos possíveis que os dispositivos cada vez mais modernos lhes proporciona, uma nova demanda social que fazem as transformações acontecerem em suas vidas onde quer que estejam, não excluindo aí o ambiente escolar nem sempre preparado para atuar com essa nova geração.



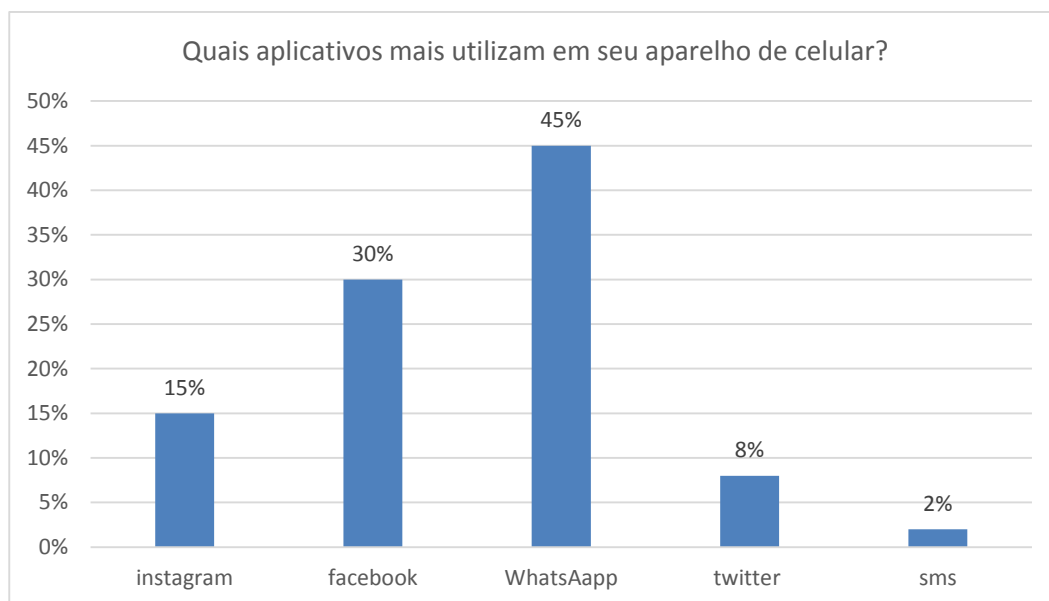
Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 12

Os dados obtidos no gráfico 12 evidenciam que a frequência com que usam o celular reforça a pesquisa publicada pelo portal G1.Globo.com em julho de 2016, afirma que o jovem brasileiro é o que mais usa na média o celular no mundo, com o uso da internet no celular o aluno rompeu barreiras, atravessou fronteiras, vaporizou diferenças sociais, nesse mundo já aqui denominado de “virtual” qualquer conhecimento ou informação está disponível com o apertar de um botão e que todos podem ter acesso com liberdade.

A frequência no uso do dispositivo móvel demonstra a dependência que nossos adolescentes tem em relação ao aparelho, demonstra ainda os novos tipos de relacionamento que vão se gerando nesses tempos de inovação tecnológica, onde relacionamentos com informações de outras pessoas de todos os tipos e idades e das mais diversas partes do país vão se estabelecendo na escola e fora dela graças à facilidade de uso que o aparelho oportuniza.






Ao serem questionados sobre quais aplicativos mais utilizam em seu aparelho de celular responderam assim:



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 13

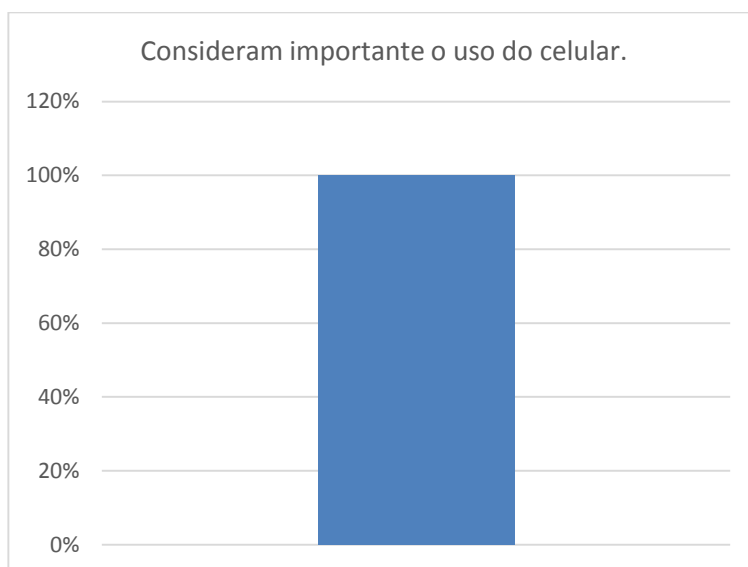
Aplicativos mais utilizados pelos alunos

Percentuais	Aplicativos
45%	WhatsApp 
30%	Facebook 
15%	Instagram 
8%	Twitter 
2%	Sms 

Quadro nº 05 Fonte: Pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

A amostragem obtidas no gráfico 13 e no quadro 03 aplicativos mais utilizados pelos alunos demonstram que os aparelhos de telefonia móvel estão cada vez mais modernos, possibilitando aos usuários a instalação de aplicativos que visam facilitar a comunicação entre usuários de várias partes do mundo. Nossa pesquisa

apurou que dentre os nossos entrevistados o aplicativo mais usado é o whatsApp, considerado um dos maiores aplicativos para celulares usado no Brasil e no mundo como um grande portal de comunicação social, compatível com quase todos os tipos de aparelhos celulares, hoje os dispositivos facilitam comunicação, substituíram as antigas máquinas de fotografar, facilitaram a comunicação e ampliaram as relações mundo a fora, principalmente entre jovens e adolescentes, público que mais usam as chamadas redes sociais.

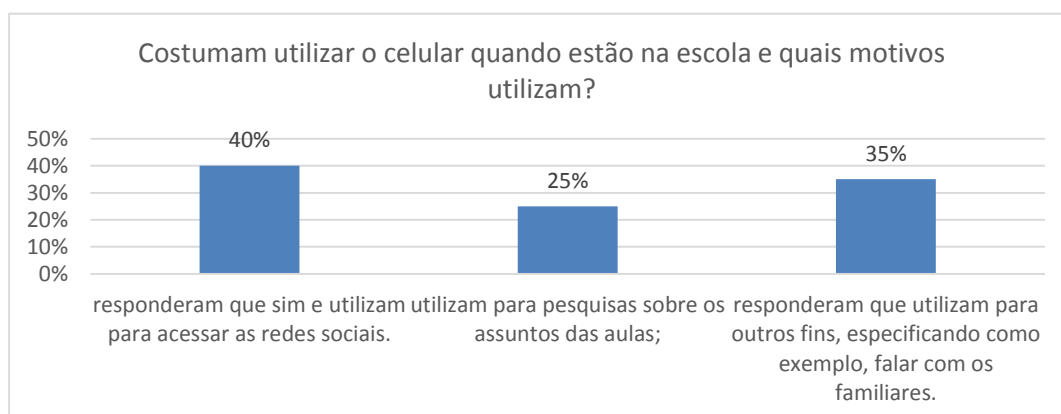


Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 14

No gráfico 14 conforme nos mostra os dados 100% dos alunos consideram importante o uso do aparelho celular e sua importância se reveste quando se pensa na multiplicidade de funções que estes desempenham na vida do cidadão hoje.

Para o aluno P.M., “o celular hoje é como o coração não se pode mais viver sem”, essa afirmação à priori um tanto quanto assustadora, reforça ainda mais a ideia de dependência que nossos jovens tem do aparelho hoje.



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

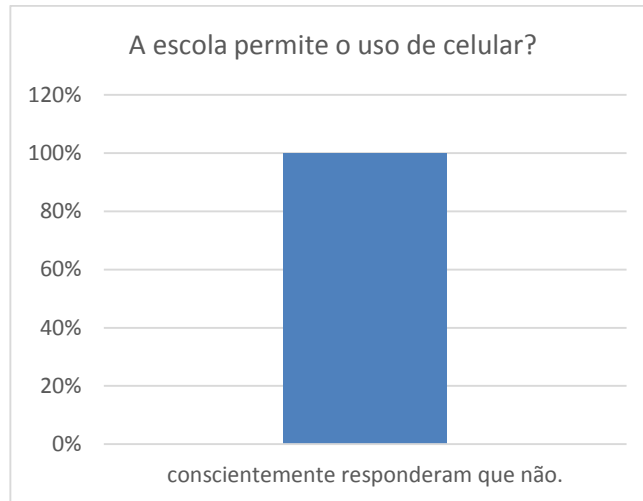
Gráfico: 15

Ao analisarmos os dados obtidos no gráfico de nº 15 compreendemos que a utilização do aparelho celular em sala de aula é considerado um embate constante entre discentes, gestão e entre professores liberar ou proibir se constitui um dilema constante nas escolas públicas. O uso que fazem do aparelho na escola são os mais variados possíveis, há os que afirmam utilizar para o acesso as redes sociais, e isso compreende a grande maioria dos entrevistados, mas há os que afirmam utilizar para pesquisas sobre os assuntos das aulas, mas esse quantitativo é menor do que os que verdadeiramente dizem qual uso real fazem do dispositivo em sala de aula. Ao analisarmos que 40% o que representa a maioria utilizam para o uso de redes sociais, no traz à tona que as pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações que desenvolvem durante toda a sua vida, primeiro no âmbito familiar, em seguida na escola, na comunidade em que vivem e no trabalho; enfim, as relações que as pessoas desenvolvem e mantêm ao longo da vida que fortalece a esfera social, o homem é de natureza um ser social, sente necessidade de ligar-se a outras pessoas.

As redes sociais constituem uma das estratégias utilizadas para o fortalecimento de vínculos, compartilhamento de informações, nelas cada indivíduo em sua função e identidade cultural. Sua relação com os outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede.

Por redes sociais Marteleto (2001) denomina de um conjunto de participantes segundo ele autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses por todos compartilhados.

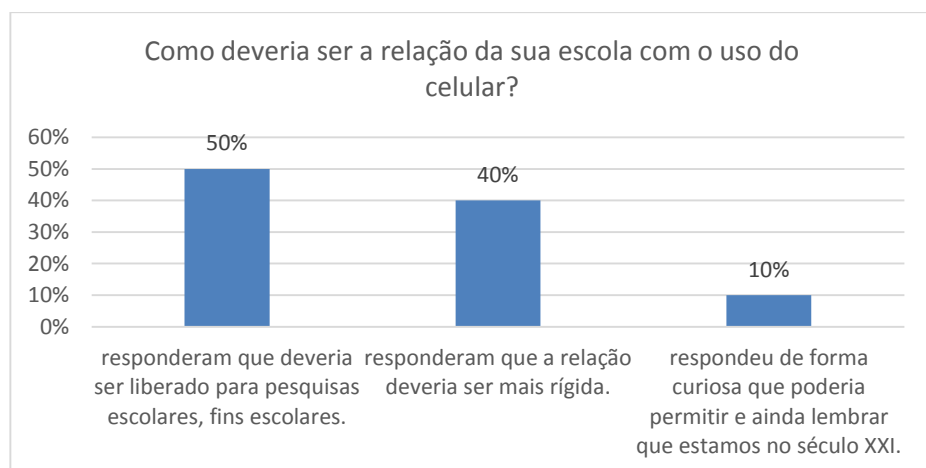
As formações de redes de organização ocorre por meios e formas variados, desde uma conversa informal com um colega de trabalho até as redes virtuais que ultrapassa barreiras antes intransponíveis e possibilita o diálogo entre pessoas com os mais diferentes gostos e ideologias.



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 16

A análise do gráfico 16 evidencia que dos alunos entrevistados todos são conscientes de que a escola restringe o uso do aparelho, graças a alegação de que o mesmo provoca a sua dispersão. As escolas costumam se acerrar dos regimentos internos para vetar o uso do dispositivo. E os alunos são conhecedores desse impeditivo porém há resistência que resultam em conflitos e até penalidades diversas.



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

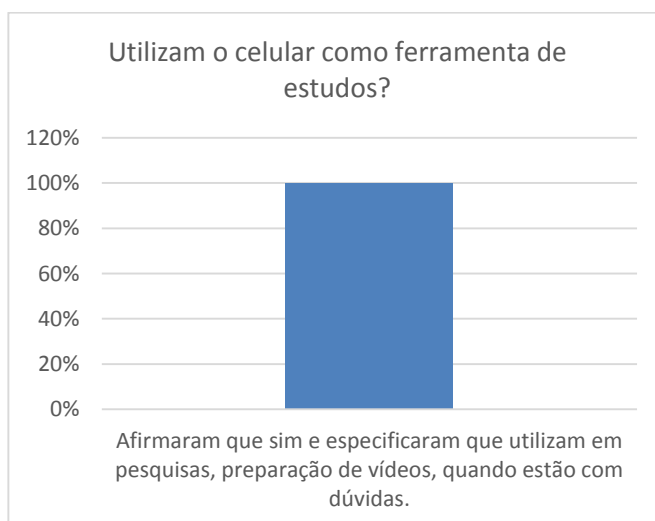
Gráfico: 17

Conforme tabulação obtida, há uma compreensão de como deve ser a relação da escola com o uso do celular, ao observamos que a grande maioria

destes 50% acreditam que o uso deveria ser liberado para pesquisas escolares, fins escolares como um todo.

O objetivo fundamental do processo ensino – aprendizagem é a construção do conhecimento e ao se utilizar desse recurso tecnológico é necessário encontrar uma lógica diante de tantas informações ofertadas de maneira que não se perca o foco da educação e substitua o objetivo fundamental do ato de educar. É nesse contexto, que a inserção dessas tecnologias se torna confusa, quando 40% dos próprios alunos afirmarem que a relação deveria ser mais rígida e até mesmo reclamar a liberação afirmando que estamos em pleno século XXI e que demanda novos olhares e novas posturas. Diante de tantas conexões possíveis do celular os alunos demonstram dúvida sobre essa relação, a dificuldade em escolher aquilo que é norma legal entre aquilo que mais lhe agrada traz uma exposição moral, relacionar-se e questionar.

A utilização do aparelho celular na escola é de notória consciência do aluno que seu uso deveria ser de forma equilibrada, mas apesar da consciência o que se observa é que nossos alunos fazem uso do aparelho sem qualquer restrição até mesmo nos momentos de aula em que requer maior concentração e empenho.

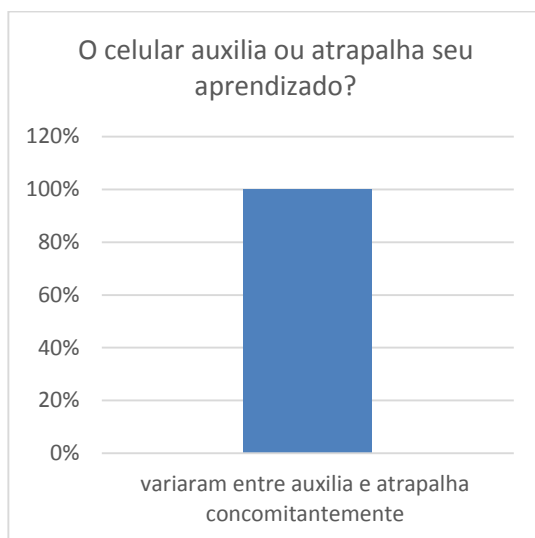


Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 18

A resposta obtida no gráfico 18 se os alunos utilizam o celular como ferramenta de estudo e ao percebemos que houve unanimidade da resposta reforça o conceito de que o aparelho celular pode ser utilizado como ferramenta pedagógica quando se bem utilizado ele favorece a aprendizagem, demonstra

ainda que o aluno sabe as finalidades técnicas dos recursos propiciados pelo dispositivo, exploram esses recursos com muita destreza e são capazes de aprender com facilidade e ensinar através de aplicativos cada vez mais modernos



Fonte: pesquisa realizada no C.E.J. Amaral

Gráfico: 19

A resposta obtida no gráfico 19 não deixa nenhuma dúvida de que as opiniões se divergem quanto ao uso do celular auxiliar ou atrapalhar o processo de aprendizagem, assim afirmando acreditam que quando utilizam-no como ferramenta de ensino ele auxilia, mas quando há desvio das funções ele atrapalhe tira a concentração levando em conta que as redes sociais são um atrativos que acaba desvirtuando o foco da aprendizagem. Se inseridos em atividades bem planejadas o celular pode sim se transformar em um importante processo de construção de conhecimentos para os alunos, subsidiando a construção do saber. Os avanços tecnológicos não podem deixar de ser inseridos na vida social do ser humano e a escola é um importante portal de construção de saberes.

5.4 A Coordenação Pedagógica da Escola e sua relação com o uso do celular.

O Coordenador Pedagógico é um dos atores mais importantes no cenário educacional, segundo Celso Vasconcellos, a especificidade de sua atuação profissional requer uma formação inicial e continuada que o impulse e

o possibilite lidar com as mais diversas situações adversas que a sua atuação profissional exige.

Ele tem sua identidade ainda em transformação, sofre os impactos do ingresso em uma nova profissão desafiada pelas transformações nas demandas de trabalho que o novo cenário exige.

Pautado pelo Projeto Político Pedagógico, pelo Regimento Escolar e por outros mecanismos legais que amparam a administração e o pedagógico de uma instituição escolar, desenvolve um papel de liderança pedagógica tornando-se o profissional melhor posicionado para promover o desvelamento dos entraves e conflitos produzidos no interior da escola envolvendo os mais diversos sujeitos.

Nossa pesquisa objetivou focar nas intervenções que este profissional é capaz de mediar no ambiente da escola necessariamente nessa relação conflituosa entre o uso do dispositivo móvel, compreendendo que ele tem diante de si dois públicos muito significativos e importantes, de um lado os discentes e sua dependência do dispositivo móvel o celular e do outro lado o docente que está ainda em processo de adequação a essas novas tecnologias e vê essa ferramenta em algumas vezes como atrapalhadora do processo de ensino e aprendizagem.

O instrumento de pesquisa utilizado com a Coordenadora Pedagógica da escola se deu por meio de entrevista em áudio devido aos inúmeros afazeres que a sua função demanda o que torna seu tempo escasso, com perguntas que buscaram obter informações de cunho mais pessoal partimos para suas compreensões pedagógicas à cerca do uso do celular na escola.

I.N. tem 45 anos de idade, destes, 23 atuando como professora do Ensino Fundamental e Médio. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão, atua como Coordenadora Pedagógica há 02 anos no Centro de Ensino José Mota Amaral e no Colégio Albérico França Ferreira.

Perguntada se possui celular e quais aplicativos mais utiliza? A Coordenadora afirmou que sim, que possui aparelho celular e usa os aplicativos mais utilizados por todos que são as redes sociais Watssapp e Facebook, afirmou ainda que utiliza aplicativos de banco dentre outros aplicativos de pesquisa e facilitadores de trabalhos diários.

Ao ser questionada sobre se o uso celular facilita ou atrapalha a aprendizagem do aluno ela afirma que: “ Na minha opinião se ele for liberado, mas tem que ser monitorado, deve sim ser liberado para alguns fins, como exemplo,

pesquisas escolares e outras coisas que sejam em benefício da aprendizagem do aluno que tragam contribuições para dentro da escola”.

Analisando a fala da Coordenadora, percebe-se que ela compreende que o celular pode ser sim uma importante ferramenta para o processo de formação deste novo aluno que vive envolto com as novas tecnologias, um aluno sagaz, capaz de aprender a cada instante a manusear novos recursos tecnológicos com a celeridade que os tempos impõe.

Segundo ela muitas vezes o celular atrapalha o aluno, pois ao invés dele pesquisar, de buscar conhecimentos eles emergem nas redes sociais e “fazem e falam coisas que não devem”.

Essa afirmação da Coordenadora nos remete a constatação de que o coordenador é consciente de que os professores disputam a atenção dos alunos o tempo todo, seja com os colegas e agora com os celulares e sabe ainda que se não dispor a esses profissionais formação e aparato pedagógico essa balança ficará desequilibrada.

O Coordenador possui diante de si o desafio de mostrar aos professores as possibilidades de alternativas para usar essa ferramenta tecnológica a seu favor de forma positiva e significativa.

Ao ser questionada sobre quais mecanismos a escola possui para liberar ou proibir o uso do celular, ela afirma categoricamente que em sua escola o celular é proibido e que o mecanismo legal que a escola possui é o Regimento Escolar aqui já mencionado e que nele está contido as normas e as regras que restringe o uso do dispositivo móvel.

Conforme já demonstrado anteriormente aqui em nossa pesquisa, os alunos do Centro de Ensino José Mota Amaral sabem da proibição quanto ao uso e mesmo assim utilizam com uma frequência assustadora, face a essa situação compreendemos que a Coordenação deve buscar articular estratégias junto aos profissionais e alunos para que esse dispositivo de fato não seja um atrapalhador do processo de ensino, rever esse não necessariamente se deve proibir a entrada e o uso, mas como construir e fazer cumprir normas e regras para o uso correto e no momento adequado, ou seja canalizar a utilização fazendo com que ela se torne algo positivo.

Buscamos saber se no exercício de sua função como Coordenadora Pedagógica já enfrentou alguma situação de conflito devido ao uso do celular?

Respondeu de forma muito concisa: “ Até agora ainda não enfrentei nenhuma relação de conflito com relação ao uso do celular na escola, tem uma reclamaçãozinha aqui, outra ali mas até agora estamos tentando amenizar e controlar essa situação”.

A resposta da Coordenadora coaduna com sua postura pacificadora, mediadora e acima de tudo reflexiva. Em um ambiente como a escola e considerado as possibilidades de conflitos que se geram pelo uso inadequado do celular pode-se afirmar que ela vem mantendo uma postura profissional compromissada com as transformações sem perder o foco na organicidade e principalmente na essência do fazer pedagógico.

O Coordenador Pedagógico tem um importante papel nesse processo, pois ele é o gestor crítico, cooperativo, responsável pela observação das práticas desenvolvidas no seio da escola, pelas proposituras das reflexões que ali nascem, pelas intervenções no sentido de promover o compromisso coletivo e cooperativo no desenvolvimento das ações afirmativas que resultem em práticas reflexivas e significativas.

Para Paulo Freire (1982) o Coordenador é um educador e, como tal, deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola.

No exercício de sua função necessita criar, entre os professores um espaço para ressignificação de suas práticas de modo a resgatar a autonomia no trabalho coletivo da escola.

Freire (1982) afirma ainda que o Coordenador é por natureza um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito maior deste trabalho foi compreender como o uso do dispositivo móvel - celular pode ser administrado e/ou usado no ambiente escolar percebendo, quais desafios são interpostos na sua liberação ou proibição e como as intervenções do Coordenador Pedagógico pode contribuir para o estreitamento de relações saudáveis e harmoniosas.

Para tanto realizamos pesquisas que levou em conta em conta estudos denominados de qualitativos, onde buscamos envolver técnicas de análise e compreensão desse estudo, com a utilização de questionários que serviram como instrumentos fundamentais para essa pesquisa entrevistas com a gestora e a coordenadora pedagógica nos fez perceber a compreensão de suas concepções sobre o uso do dispositivo móvel, os conflitos resultantes desse uso inadequado e as possíveis e valorosa intervenções do Coordenador.

O que nos proporcionou condições de construirmos conhecimentos sobre o tema e objeto de estudo. Em relação a estes conhecimentos, podemos apontar algumas descobertas tais como: Os jovens do Ensino Médio alvo de nosso estudo, compreendem que usam inadequadamente o celular no interior da escola, quando o utilizam para acessar as redes sociais e bater papo com amigos, mesmo sabendo de há mecanismo de restrição de seu uso no ambiente escolar.

Pode-se compreender ainda que a escola como instituição ainda não sabe como lidar com esse tipo de dispositivo em seu interior, e busca através de mecanismos construídos coletivo e de forma legal restringir e até mesmo proibir, uma vez que demonstra não saber como lidar com tal dispositivo estranho.

Compreendeu-se enfim que a figura do Coordenador Pedagógico é de essencial importância nessa relação de conflito entre o aluno que usa indiscriminadamente o celular na escola, o professor que em sua grande maioria não admite o seu uso e a gestão que amparada nos dispositivos legais tenta manter a ordem, ele nesse cenário de conflitos e incertezas media as relações pelo caminho do diálogo, pela análise reflexiva de que o dispositivo pode se tornar um bom aliado do aprendizado com práticas e estratégias metodológicas bem orientadas.

Diante de tantas implicações relacionadas sobre o uso do aparelhos celulares nas escolas, mas especificamente dentro do espaço mais intrigante e impactante para os níveis de conflito de conflitos e considerando a figura do

coordenador pedagógico como mediador desses conflitos, percebemos o longo deste trabalho que a questão é tão abrangente, quanto complicada, pois os focos dos sujeitos envolvidos nas unidades escolares divergem quando se trata dos níveis de comportamento e de comprometimento.

Por outro lado é importante ressaltar que de acordo com os dados levantados e das literaturas utilizadas como referências para embasar este trabalho, as respostas obtidas através dos questionários forçam algumas teorias sobre o controverso emprego dos aparelhos celulares.

Inicialmente considera-se o celular como o instrumento da discórdia na escola, pois o fim para qual foi criado, nas mãos dos jovens deixou de ter sua aplicação prática que seria especificamente falar à distância com alguém e passou a ser ferramenta de transferência de mensagens de diálogo curto, com palavras abreviadas e interações contínuas nas redes sociais. Tudo isso seria perfeitamente aceitável e compreensível se não fosse o fato de que os jovens do Ensino Médio insistem em usá-lo exclusivamente em ambiente escolar, mais precisamente em sala de aula, onde deveria ser melhor aproveitado em favor de sua aprendizagem.

Outro dado da pesquisa está no fato de que as instituições escolares entre elas o Centro de Ensino aqui pesquisado restringem a permanência dos dispositivos móveis em sua dependência porém acreditamos que o grande desafio é que de fato é o cerne da questão não é proibir, mas encontrar uma aplicação para o instrumento em si, pois analisamos pelas percepções e as frequências com que os jovens utilizam o aparelho concluímos que independente de autorizar ou não a permanência de celulares nas escolas, isso não os afetará pois encontrarão sempre um meio de burlar a gestão e contrariar as regras e normas da escola.

É nessa perspectiva que este trabalho compreende as mídias tecnológicas como suporte pedagógico, cuja intencionalidade pedagógica se sobrepõe a técnica, nesse contexto consideramos importante que o Coordenador Pedagógico esteja desprovido de todo e qualquer tipo de preconceito e resistência para que possa oferecer mediações pedagógicas que possibilitem o acesso ao mundo da informação e a comunicação por meio de estratégias de interação das diversas mídias, rompendo com o discurso da inclusão digital e tornando-a efetiva, revendo verdades, percepções, deslocar processos já estabelecidos, enfim, ouvir o outro, dialogar com o seu contexto educacional e pessoas, sujeitos que nesse processo estão inseridos.

Para finalizar esperamos que o esforço empreendido nesse estudo contribua para melhorar as relações no ambiente escolar face ao uso inadequado do celular contando com o trabalho profissional do regente da escola, o Coordenador Pedagógico.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro: RJ, 1981. 279p.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. **Organização do Trabalho Pedagógico** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2014.

_____. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na **Idade Certa**. **Formação do professor alfabetizador caderno de apresentação**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica– Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Pacto Nacional pela Alfabetização na **Idade Certa**. **Planejamento a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento**. Ano 02 Unidade 06. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____, Guia de Tecnologias Digitais na Educação, Coleção salto para o futuro. (org). Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica , 2009.

CHARLOT, Bernard ; JELLAB, A. ; EMIN, L. . **L'abandon scolaire en cours de formation** : le cas des élèves de BEP. Paris: ESCOL, Université Paris 8, 2001.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. **Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil**. In: SPOSITO, M. (Org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.

Docência e fundamentos da educação- Pedagogia; didática e tecnologia I –EAD- Módulo 2-Volume 5/ **Elaboração de conteúdos**: Jeane Martins Larchert- (Ilheus-B: UBUESC 2010. 80p.)

FAGUNDES, L.C.,Maçada D.L – Aprendizes do Futuro: as inovações começaram – Col. Informática para mudanças na educação – MEC-1999.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Col. Paz e Terra, 1980.

FUNDESCOLA, **Fundo de Fortalecimento da Escola**. Ministério da Educação. Banco Mundial. Ano VII. Nov. 2002.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LARCHERT, Jeanes Martins. **Docência e fundamentos da educação- Pedagogia/Didática e tecnologia**. EAD, Módulo 2, volume 5/ Elaboração de conteúdo: Ilhéus Bahia.2010.

MARANHÃO. **Secretaria de Estado da Educação. Referenciais Curriculares: ensino médio**: Estado do Maranhão/ Secretaria de Estado da Educação – São Luís, 2006.

MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação**. Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan. abr. 2001.

Ministério da educação FNDE. PRESENÇA, PEDAGÓGICA. **Dialogo sobre Universidade e Educação Básica para Formação do Professor**. Editora Dimensão, Julho/Agosto 2001. Brasília DF.

MORAN, J. M.. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2000.

Nova escola. Ministério da educação. **O lado bom da rotina**. Ano 28. Nº 264. Fundação Victor Civita. Editora Abril. Agosto de 2013..

Nova escola. Ministério da educação. **Alfabetização, ler e escrever com a ajuda da tecnologia**. Ano 30. Nº 286. Fundação Victor Civita. Editora Abril.Outubro de 2015.

NOVAES, Regina Célia Reyes (org.).**Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

Presença Pedagógica, **Alfabetização Geográfica**. Julho/Agosto. Editora Dimensão. V.20. Nº 118- Ministério da Educação. 2014.

REVISTA APRENDIZAGEM. **A revista da prática pedagógica** ano 5 nº 22/11. Editora Melo. Brasília DF.

PRETTO, Nelson de Luca. **Políticas Públicas Educacionais: dos materiais didáticos aos multimídias**. Trabalho apresentado na Reunião Anual da ANPED, 22ª Minas Gerais, 1999. Anais São Paulo- SP: ANPED, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. 2014. Disponível em: . Acesso em: 21/08/2016.

SETTE. S.S, Aguiar M.A., Formação de Professores em Informática na Educação – Um caminho para Mudanças – Col. Informática para mudanças na Educação – MEC -1999

_____. Vivência na escola – **integração teoria prática na formação de recursos humanos para informática na Educação** – Anais do SBIE – 2000.

_____. Aguiar M. A. **A tecnologia contribuindo para uma escola cidadã. Por uma nova cultura de participação de democracia das relações da escola** – Série Retratos da escola. Brasília: MEC/ salto para o futuro, 2005.

Veen, W. & Vrakking, B. (2006). **Homo Zappiens, Growing up in a Digital Age**. London, Network Continuum Education.

Sites visitados:

<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013/unesco-recomenda-o-uso-de-celulares-como-ferramenta-de-aprendizado.html> . Visitado em 25 de agosto de 2016

<http://unesdoc.unesco.org/images/por.pdf>. Acesso em 05/09/2016.

http://sfb-br.org/midia_o_que_e.htm

<http://www.promenino.org.br/servicos/biblioteca/o-que-e-protagonismo-juvenil>. Acesso em 22/08/2016.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_comunicação_social. Acesso em 20/08/2016.

<http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988>. Acesso em 22/08/2016.

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> . Acesso 25/08/2016.

Site: <https://pt.m.wikipedia.org>- consultado em 23 de agosto de 2016.

<http://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/cuidados-com-escola.htm>

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: **As intervenções do Coordenador Pedagógico no uso do dispositivo móvel- celular no ambiente escolar:** Conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral

Contato do(as) pesquisadores(as)

Nome do Orientando: Marnia Suamy Sousa

Contato:98-996020157

Prof^a Tamires Coimbra Bastos Borges

Contato: Universidade Federal do Maranhão/Departamento de Educação II, Av. dos Portugueses, s/n^o, Campus do Bacanga, fone: (98) 3272-8000.

Prezado(a) Professor(a),

A pesquisa intitulada **As intervenções do Coordenador Pedagógico no uso do dispositivo móvel- celular no ambiente escolar:** Conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral tem como objetivo Compreender como o uso do dispositivo móvel - celular pode ser administrado e/ou usado no ambiente escolar percebendo, quais desafios são interpostos na sua liberação ou proibição e como as intervenções do Coordenador Pedagógico pode contribuir para o estreitamento de relações saudáveis e harmoniosas. Este estudo está em fase de desenvolvimento pela estudante Marnia Suamy Sousa , do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, do Programa Escola de Gestores, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, sob orientação da Prof^a Tamires Coimbra Bastos Borges.

Pedimos a sua autorização através deste termo, para que possamos aplicar um questionário à V. Sa em ambiente e data que estejam de acordo com a sua disponibilidade. Os dados coletados no referido instrumento serão organizados, analisados e comporão o relatório final da pesquisa supracitada.

A sua participação é de fundamental importância, para a realização deste estudo, mas V. Sa. poderá, a qualquer momento, interrompê-la sem que isto lhe cause algum dano. Além disto, os dados fornecidos pelo seu questionário poderão ser-lhe apresentados pelas pesquisadoras, se assim for do seu interesse.

Pedimos, também, a sua permissão, para que os resultados obtidos possam ser apresentados em seminários, congressos e outros eventos científicos, esclarecendo que, nestes momentos e em quaisquer outros, a sua identidade será preservada.

Esperamos, com este estudo, contribuir para a nossa formação enquanto docentes e pesquisadores e para o incremento do debate sobre o uso do dispositivo móvel e as intervenções do coordenador pedagógico.

Monção 20 de Setembro de 2016.

Eu, _____, estou ciente e de com as informações acima apresentadas, colocando-me disponível à participar da pesquisa.

Assinatura do(a) professor(a) participante da pesquisa

Marnia Suamy Sousa

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Título da pesquisa: **As intervenções do Coordenador Pedagógico no uso do dispositivo móvel- celular no ambiente escolar:** Conflitos, desafios e implicações no Centro de Ensino José Mota Amaral

Caro participante,

Este instrumento trata-se de um questionário com perguntas fechadas e abertas. A primeira parte constitui-se de questões relacionadas a sua identificação pessoal e profissional. A segunda parte constitui-se de perguntas relacionadas ao uso do dispositivo móvel no ambiente escolar.

Reiteramos que a sua participação é muito importante para este estudo! Desejamos que esteja à vontade para responder as referidas questões, sem a preocupação de ser censurado(a) ou criticado(a) por suas respostas. A nossa presença no momento do preenchimento deste instrumento tem o objetivo de auxiliá-lo no entendimento das suas questões, por isso colocamo-nos a sua disposição durante a sua escrita.

A Pesquisadora

1. Dados de Identificação

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Estado civil: _____

Composição familiar: _____

Endereço: _____

Telefones para contato: _____

Escolaridade/Formação: _____

Cursos realizados: _____

Tempo de magistério na atual função e em outras funções: _____

Local de trabalho: _____

Séries em que leciona: _____ Nº de alunos: ____

Séries em que leciona em outro nível de ensino: _____ Nº de alunos: ____

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica
Regional de Santa Inês – Polo 06
CURSISTAS: Marnia Suamy Sousa

Entrevista com professores

- 1- Qual a sua formação acadêmica?
- 2- Há quanto tempo está em exercício no magistério?
- 3- Qual matéria leciona atualmente?
- 4- Você tem celular? Com que frequência usa? Quais os aplicativos que mais utiliza?
- 5- Permite o uso do celular em sala de aula? Justifique sua resposta
- 6- Já enfrentou alguma relação de conflito em sala de aula causado pelo uso do celular?
- 7- Em sua percepção o uso do celular pode ser considerado um recurso pedagógico?
- 8- Em sua percepção como deveria ser a relação da escola com alunos e o uso do celular

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica
Regional de Santa Inês – Polo 06
CURSISTAS: Marnia Suamy Sousa

Questionário para alunos

- 1- Você possui aparelho celular? () sim () não
- 2- Qual a sua idade?
- 3- Com que frequência usa o celular?
- 4- Quais aplicativos mais utiliza no seu aparelho de celular?
() watsApp
() Facebook
() instagran
() Twitter
- 5- Considera importante o uso do celular? () sim () não
- 6- Costuma utilizar seu aparelho celular quando está na escola? Para qual motivo?
() bater papo com outros amigos?
() acessar as redes sociais?
() para distração quando as aulas estão desinteressantes?
- 7- Sua escola permite o uso do celular?
- 8- Como deveria ser a relação da sua escola com o uso do celular?
- 9- Você utiliza o celular como ferramenta de estudo? Em quais situações?
- 10- Considera que o celular auxilia ou atrapalha seu aprendizado?

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica
Regional de Santa Inês – Polo 06
CURSISTAS: Marnia Suamy Sousa

Entrevista com a Gestão da Escola.

- 1- Qual sua formação acadêmica?
- 2- Há quanto tempo está na gestão da escola?
- 3- Possui aparelho celular? Costuma usar para quais finalidades? Quais aplicativos mais utiliza em seu aparelho?
- 4- Sua escola permite o uso do celular?
- 5- Quais mecanismos legais a escola possui que regulamentam o uso do celular? Quando foi criado? Quem participou da elaboração?
- 6- Já enfrentou alguma relação de conflito na escola, ocasionada pelo uso do celular?
- 7- Em sua percepção o celular pode ser considerado um recurso pedagógico?
- 8- Como deveria ser a relação da escola com os alunos que usam celular em seu interior?

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica
Regional de Santa Inês – Polo 06
CURSISTAS: Marnia Suamy Sousa

Entrevista com a Coordenação Pedagógica da Escola.

- 1- Qual sua formação acadêmica?
- 2- Há quanto tempo está na gestão da escola?
- 3- Possui aparelho celular? Costuma usar para quais finalidades? Quais aplicativos mais utiliza em seu aparelho?
- 4- Sua escola permite o uso do celular?
- 5- Quais mecanismos legais a escola possui que regulamentam o uso do celular? Quando foi criado? Quem participou da elaboração?
- 6- Já enfrentou alguma relação de conflito na escola, ocasionada pelo uso do celular?
- 7- Em sua percepção o celular pode ser considerado um recurso pedagógico?
- 8- Como deveria ser a relação da escola com os alunos que usam celular em seu interior?

